



Universidade Federal
de Campina Grande

PROFSOCIO

**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL - PROFSOCIO**

ALANNY ARAÚJO DE SOUZA

**“EU NUM DISSE A TÚ QUE NÃO ERA SÓ FILME”:
O AUDIOVISUAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.**

**SUMÉ - PB
2020**

ALANNY ARAÚJO DE SOUZA

**“EU NUM DISSE A TÚ QUE NÃO ERA SÓ FILME”:
O AUDIOVISUAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Sociologia em Rede Nacional
– PROFSOCIO ministrado no Centro de
Desenvolvimento Sustentável do Semiárido
da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Sociologia.**

Área de Concentração: Ensino de Sociologia.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

**SUMÉ-PB
2020**

S729e Souza, Alanny Araújo de.
“Eu num disse a tu que não era só filme”: o audiovisual no processo de ensino-aprendizagem da sociologia no ensino médio. / Alanny Araújo de Souza. - Sumé - PB: [s.n], 2020.

74 f.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

Dissertação - Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Universidade Federal de Campina Grande.

1. Ensino de Sociologia – Ensino Médio. 2. Metodologias de ensino de sociologia. 3. Audio visual – ensino de Sociologia. 4. Processo de ensino aprendizagem - sociologia. 5. Filme recurso didático. 6. Linguagem audiovisual. 7. Cinema e educação. I. Souza, Wallace Gomes Ferreira de. II. Título.

CDU: 316:37(043.2)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ALANNY ARAÚJO DE SOUZA

**“EU NUM DISSE A TÚ QUE NÃO ERA SÓ FILME”:
O AUDIOVISUAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO ministrado no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza
Orientador – UAEDUC/CDSA/UFCG

Professora Dr^a. Maria da Conceição Gomes Miranda
Examinador Interno – DME/CE/UFPB

Professora Dr^a. Denise Xavier Torres
Examinador Externo – UAEDUC/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em:30 de abril de 2020.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao criador de todas as coisas, ao Divino Pai Eterno, pelas bênçãos concedidas!

Aos meus pais Maura e José pela dedicação, apoio e amor durante essa longa caminhada. A minha irmã Aline pelo incentivo e ajuda.

Aos demais familiares que sempre me apoiaram, em especial as primas irmãs Ianne Lima e Isabelle Lima pelo carinho e incentivo.

Aos meus padrinhos Maria do Carmo e José Soares por terem me incentivado e ajudado durante todo esse tempo.

A meu namorado Roni por sua paciência, me ajudando e incentivando sempre.

Ao orientador Wallace pela paciência e compreensão durante a produção deste trabalho.

As professoras Denise Xavier e Conceição Miranda, por terem aceitado participar da banca de defesa deste trabalho e aos demais professores do Mestrado Profissional em Rede Nacional-Prof socio, pelo carinho e dedicação.

Aos companheiros de sala de aula. Pessoas maravilhosas, com quem aprendi muito. Em especial, agradeço a Adriana Farias, Rafaela Quaresma, Eline Brito, Anessa Fernanda, Aracele Gomes e Alcilene por compartilharmos juntas nossas angústias e alegrias. Obrigada pela amizade. Vocês são especiais! Agradeço a Daniella Siqueira e seu esposo Dione pelas caronas divertidas da universidade para casa.

A Rosângela Santos pela amizade e por ter me incentivado a lutar sempre.

A todos os funcionários do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido-CDSA, pelo trabalho e dedicação com todos nós alunos. Em especial a Johnny Rodrigues por nos orientar sobre as normas de depósito na biblioteca.

A diretora Daniela Brito Ramos em nome de toda Escola Maria Balbina Pereira que me acolheu de braços abertos. Agradeço especialmente aos alunos do Ensino Médio, pelo empenho e responsabilidade com este trabalho.

Enfim, agradeço a todos que acreditaram em mim e que direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Obrigada!

“Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada, e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alargar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos-, renova sua fertilidade impregnando-se de imagens e sons”

Adriana Fresquet

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal discutir sobre os impactos causados pelo uso do audiovisual, esta linguagem/recurso (filme) onde as informações/conteúdos estão dispostos de forma dinâmica, nas aulas de Sociologia no Ensino Médio. Como objetivos específicos buscamos investigar como os recursos audiovisuais são usados nas aulas de Sociologia; analisar de que forma esses recursos contribuem para o processo de ensino aprendizagem e propôr estratégias pedagógicas utilizando o audiovisual. O referido estudo/intervenção pedagógica foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira, localizada no distrito de Santa Luzia do Cariri, município de Serra Branca, com alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. A metodologia adotada contou com a abordagem qualitativa-observação participante elegendo como instrumentos de coleta de dados e de intervenção os seguintes: 1) observação na sala de aula, 2) entrevista baseada no grupo focal, 3) diálogo com os alunos sobre os temas sociológicos, escolha e exibição dos filmes. Para análise dos dados adotamos o método de análise de conteúdo de Bardin (ANO). O estudo fundamentou-se principalmente nas teorias dos autores Galetti (2013), Kenski (2007), Ferreira (2010), Rosalia Duarte (2009), Adriana Fresquet (2017), Libanê, (2013), entre outros que contribuíram significativamente para compor o aporte teórico deste trabalho, assim como, para o nosso entendimento sobre a importância do uso dos recursos audiovisuais para o ensino de Sociologia no Ensino Médio. Ao final da experiência apontamos que a linguagem/recurso audiovisual contribui no processo de ensino aprendizagem, bem como, na socialização dos sujeitos e na sua capacidade de apreender frações do real nas narrativas audiovisuais aguçando, portanto, o olhar crítico e a lógica de perceber, problematizar e interferir no mundo social.

Palavras-chave: Sociologia. Ensino Médio. Audiovisual. Filmes.

ABSTRACT

This work had as main objective discussing the impacts caused by the use of audiovisual, this language/resource (movie) where information/content is dynamically arranged, in Sociology classes in High School. As specific objectives, we sought to investigate how audiovisual resources are used in Sociology classes; analyze how these resources contribute to the teaching-learning process and propose pedagogical strategies using audiovisual. This study/pedagogical intervention was developed at the State School of Secondary Education Maria Balbina Pereira, located in the district of Santa Luzia do Cariri, municipality of Serra Branca, with students from the 1st, 2nd and 3rd grades of High School. The adopted methodology relied on the qualitative-participant observation approach choosing as instruments of data collection and intervention the following: 1) observation in the classroom, 2) interview based on focus group, 3) discussion with the students about the sociological themes, choice and exhibition of movies. For data analysis we adopted the Bardin content analysis method (ANO). The study was mainly based on the theories of the authors Galetti (2013), Kenski (2007), Ferreira (2010), Rosalia Duarte (2009), Adriana Fresquet (2017), Libanêo, (2013), among others that significantly collaborated to make the theoretical contribution of this work, as well as, for our understanding on the importance of using audiovisual resources for the teaching of Sociology in High School. At the end of the experience, we point out that the language/audiovisual resource contributes to the teaching-learning process, as well as, to the socialization of the individuals and their ability to learn fractions of the real in audiovisual narratives, thus sharpening the critical view and the logic of perceiving, problematizing and interfering in the social world.

Keywords: Sociology. High School. Audiovisual. Movies.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	Escola Maria Balbina Pereira.....	38
Fotografia 2	Cartaz colocado no quadro de aviso da escola.....	45
Fotografia 3	Primeiro dia de oficina.....	46
Fotografia 4	Segundo dia de oficina.....	49
Fotografia 5	Terceiro dia de oficina.....	53
Fotografia 6	Quarto dia de oficina.....	56
Fotografia 7	Roteiro elaborado pelos alunos sobre desigualdade racial.....	59
Fotografia 8	Roteiro elaborado pelos alunos sobre desigualdade racial.....	59
Fotografia 9	Roteiro elaborado pelos alunos sobre o tema trabalho.....	60
Fotografia 10	Roteiro elaborado pelos alunos sobre o tema trabalho.....	60
Fotografia 11	Roteiro elaborado pelos alunos sobre os temas família e trabalho.....	61
Fotografia 12	Cena 01. Gravação sobre a temática desigualdade racial.....	62
Fotografia 13	Cena 02. Momento de gravação sobre a temática Desigualdade Social	63
Fotografia 14	Cena 03. Gravação sobre a temática Trabalho.....	64
Fotografia 15	Cena 04. Gravação sobre Família / Instituição Social.....	64
Fotografia 16	Último Encontro do Cine Sociológico.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	O filme na sala de aula.....	33
Quadro 2	Espaço físico da escola.....	40
Quadro 3	Regras do Grupo Focal.....	43
Quadro 4	Cena 1 - Desigualdade racial.....	45
Quadro 5	Cena 2 - Desigualdade social.....	48
Quadro 6	Cena 3 - Trabalho.....	52
Quadro 7	Cena 4 - Família/Instituição Social.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Análise de Conteúdo

AI – Adição por Internet

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Ensino Superior

CEB – Câmara de Educação Básica

CNE – Conselho Nacional de Educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

GF – Grupo Focal

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

OCNs – Orientações Curriculares Nacionais

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PROFSOCIO – Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO: OS PASSOS QUE DEI E OS CAMINHOS POR ONDE ANDEI “A MINHA HISTÓRIA FAZ TODA DIFERENÇA”	11
1.1	OS MOTIVOS.....	13
2	A SOCIOLOGIA NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO	18
3	LUZ, CÂMERA, AÇÃO	25
3.1	AS JUVENTUDES E O MUNDO DIGITAL.....	25
3.2	LINGUAGENS AUDIOVISUAIS.....	27
3.3	AUDIOVISUAL, ESCOLA E PRÁTICAS EDUCATIVAS.....	31
4	ITINERÁRIO TEÓRICO METODOLÓGICO	37
5	DIÁRIO DE CAMPO: A ESTRUTURA/EXPERIÊNCIA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	44
5.1	GRAVANDO!!!.....	62
6	REFLEXÕES, PROPOSTAS E ENSINAMENTOS	67
	REFERÊNCIAS	71

1 APRESENTAÇÃO: OS PASSOS QUE DEI E OS CAMINHOS POR ONDE ANDEI “A MINHA HISTÓRIA FAZ TODA DIFERENÇA”

Sou natural de São José do Egito, cidade localizada no Sertão de Pernambuco-PE com uma estimativa de 33.000 habitantes. Venho de uma família de agricultores e no campo o acesso à educação foi difícil no passado, e hoje não está tão diferente, sobre tudo, com o fechamento das escolas do campo. Minha mãe estudou até a quarta série, pois era a última série que tinha na escola do sítio em que ela residia na época e não tinha condições de ir estudar na cidade devido às dificuldades daquele tempo e para não ficar sem estudar repetiu por mais um ano esta última série. Meu pai primeiro filho de 13 irmãos, desde criança tinha que trabalhar duro na roça para ajudar no sustento dos demais, e por esse motivo estudou até a primeira série. Apesar do pouco tempo na escola conseguiu aprender escrever seu nome e poucas palavras sabe decodificar. Morávamos na zona rural em um sítio chamado Grossos, cujo nome se deu devido uma árvore que possuía o tronco muito grosso, a nove quilômetros de distância da zona urbana de São José do Egito-PE.

Meu primeiro contato com a escola foi aos sete anos de idade no Grupo Escolar Municipal Sítio Grossos. Eu e minha irmã percorríamos quase dois quilômetros para ir à escola, a turma era multisseriada, de 1º a 4º série como se chamava antigamente. As carteiras mal davam para os alunos e aqueles que moravam mais próximo levavam um banquinho de casa, ou sentavam-se ao chão. A merenda sempre insuficiente muitas vezes faltava. Recordo-me que na primeira série a nossa professora, de todos os anos do Ensino Infantil e Fundamental I, me deu uma cartilha para eu treinar a leitura em casa, e foi com este livro que aprendi a ler ainda na primeira série. Desde ali, já me sentia fascinada pela arte de ensinar, adorava ir à escola. Lembro-me como se fosse hoje, a primeira vez que tive contato com a sala de aula, passei a conhecer um novo mundo, construindo novas amizades e adquirindo novos conhecimentos.

Na hora do intervalo, eu e minhas colegas brincávamos de escrever no quadro usando as sobras de giz que a professora deixava cair no chão quando escrevia, também, organizávamos a estante de livros que ficava no fundo da sala e no fim sempre escolhíamos um para ler. Em casa, adorava brincar de escolinha, muitas vezes passava a tarde inteira ali, ensinando as bonecas a ler e a escrever, imitando minha professora. Esta se tornou minha brincadeira predileta.

Ao concluir a quarta série tive que me deslocar para a cidade com o objetivo de cursar o Ensino Fundamental II em São José do Egito-PE, pois este não existia nas escolas da zona rural naquele período. Ao concluir a oitava série, optei por cursar o Normal Médio, antigo Magistério, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Édson Simões, um curso que tem como objetivo formar professores para atuar nas séries iniciais, o qual contribuiu imensamente para minha formação docente, pois, me proporcionou descobrir a essência da arte de ensinar.

Em julho de 2006, fui contratada pela prefeitura municipal para tirar uma licença de seis meses lecionando no Grupo Escolar Municipal de Mundo Novo, hoje atual Escola Municipal Mundo Novo, povoado pertencente a São José do Egito-PE, onde continuei lecionando por mais um ano. Neste período o material pedagógico era escasso, ainda usava-se giz branco, o quadro era de péssima qualidade, as folhas de A4 mal davam para realizar as provas do ano, que eram escritas à mão e rodadas em um mimeógrafo no qual o professor tinha que ser bom ao colocar a quantidade necessária do álcool, porque se colocasse pouco falhava e se colocasse muito borrava. Além disso, não tínhamos acesso a outros recursos como datashow, computador, televisão, entre outros. Lembro-me que havia apenas um pequeno Microsystem, porém, estava quebrado e por muito tempo permaneceu, por este motivo o mesmo quase não foi utilizado, quando precisávamos trabalhar com música em sala de aula ou levava de casa ou pedia emprestado. Diante de tanta precariedade nós professores nos víamos obrigados a improvisar. Quando queríamos assistir a um filme com as crianças, por exemplo, pedíamos a diretora da escola o videocassete emprestado, pois a escola não disponibilizava. Isso acontecia raramente porque evitávamos incomodar a diretora, no entanto, quando acontecia era uma festa para os alunos. Considero essa fase de grande aprendizado, pois para ensiná-los tive que adquirir novos conhecimentos ao me inserir na realidade dos alunos.

Para Libâneo (2013, p. 43) “[...]o livro didático, as aulas, os modos de ensinar, os valores sociais transmitidos pelo professor soam estranhos ao mundo social e cultural das crianças, quando não se vinculam as suas percepções, motivações, práticas de vida, linguagem”. Ou seja, o professor deve adaptar-se a realidade do aluno, considerando que cada criança advém de realidades diferentes e por isso, o professor não deve utilizar metodologias prontas e acabadas. É preciso, repensar sua prática de acordo com as necessidades dos educandos, pois, caso contrário as aulas poderão tornar-se desinteressantes para os alunos.

E naquela época sem muitos recursos não era fácil, mas a paixão pela profissão me motivava. Em 2008, não conseguí renovar o contrato. Isso me entristeceu muito, então,

ingressei no cursinho preparatório com o objetivo de estudar para concursos, pois só assim eu acreditava que poderia cursar em uma universidade devido às poucas condições financeiras de minha família.

Em 2009, o professor do cursinho levou para a sala de aula um panfleto informativo sobre o vestibular da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA). A princípio pensei em não o fazer, mas, o professor me incentivou e ao passo que ia tomando conhecimento sobre o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, foi despertando em mim, a curiosidade sobre o mesmo. Então, resolvi me inscrever e fui aprovada. Ingressar na Universidade foi uma vitória, mesmo sendo algo que não estava em meus planos naquele momento.

1.1 OS MOTIVOS

No segundo período da graduação tive a oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)¹ financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Confesso que inicialmente, meu maior interesse em participar foi pela remuneração, pois iria me ajudar nas despesas e continuar na universidade. Contudo, percebi, no decorrer das atividades, que o projeto tinha uma importância muito além do fator financeiro. No PIBID tive a oportunidade de analisar o livro didático, conhecer o Projeto Político Pedagógico da Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz². Além disso, fomos para a sala de aula junto com a professora da disciplina e sob sua orientação também dávamos aulas. Também criamos o Cine Clube e o Clube de Leitura. O primeiro tinha como objetivo produzir um filme retratando os problemas sociais da cidade em que viviam os educandos, e como questão de fundo analisar os aspectos sociológicos que constituíam aquela situação. O Clube de Leitura por sua vez, não obteve êxito pelo fato de os alunos não gostarem de ler e também, não foi criada estratégia para estimular a leitura.

A primeira experiência com o Cine Clube aconteceu em 2010, com a exibição do filme “Alice no País das Maravilhas”, para as turmas de 1º e 2º anos do Ensino Médio da

¹OPIBID tem sido apontado como relevante política pública para a educação brasileira, pelo fato de incentivar e preparar alunos das licenciaturas para a profissão docente, possibilitando-lhes uma formação sólida da teoria sociológica, atrelada ao conhecimento da prática pedagógica e o contexto em que a escola está inserida. Assim posto, essa união entre ensino superior e educação básica, propicia a formação de um profissional mais preparado para oferecer aos educandos do Ensino Médio uma educação de qualidade.

² A escola está localizada no município de Sumé-PB, o Subprojeto PIBID/SOCIOLOGIA atuava desde o ano de 2010 na Escola José Gaudêncio.

escola conveniada ao projeto. Antes de iniciar o filme nós estudantes bolsistas, que passamos a ser chamados de Pibidianos, fizemos alguns comentários referentes ao material que iríamos trabalhar com o intuito de despertar a atenção dos alunos as questões chaves dentro do debate sociológico que estávamos querendo apresentar, a partir de algumas categorias como normalidade, anormalidade, identidade entre outras, instigando-os a realizarem uma análise sociológica sobre o referido filme. Foi uma atividade muito prazerosa, pois além de ter sido diferenciada, despertou o interesse dos educandos para o debate. Quando encerrava a sessão, provocávamos uma discussão enfatizando questões socioculturais referentes à realidade do alunado.

Entretanto, percebeu-se que trabalhar filmes longos em uma aula de apenas 50 minutos era inviável, sendo que a disciplina de Sociologia era ministrada uma vez por semana em cada turma. Daí surgiu à necessidade de adequar o tempo do filme a realidade da escola em que o projeto atuava, optou-se então em trabalhar com curtas metragens. Dessa vez, ao invés do aluno assistir ao filme já pronto ele quem produziu seu próprio curta metragem mediante os conhecimentos sociológicos aprendidos na escola. A partir, da realidade observada, os alunos reuniram-se e produziram vídeos cujo objetivo era fazer com que os educandos procurassem expor através de curta-metragem, aspectos sociais significativos da cidade de Sumé-PB. A atividade foi desenvolvida da seguinte maneira: os alunos bolsistas do projeto se dividiram em duplas, sob a responsabilidade de orientar uma turma para a realização do trabalho que em seu término seria julgado por alguns professores convidados. Assim, foram escolhidas as turmas como vencedoras na produção de curtas. O motivo de o trabalho ter sido realizado na cidade de Sumé foi pelo fato de o PIBID atuar neste município.

Essa iniciativa, fez com que os alunos passassem a observar algumas situações do seu cotidiano de maneira diferente, desta vez, com olhar crítico e reflexivo. Os educandos foram incitados a pensarem sobre sua própria realidade através de um olhar sociológico, e conseqüentemente perceber que a Sociologia está presente no seu dia a dia, sendo a observação um ponto recorrente para que as mudanças ocorram. Ou seja, permitiu que os alunos percebessem a importância desta disciplina para ajudar a compreender e explicar fatos sociais que interferem na vida dos cidadãos enquanto indivíduos atuantes no meio social, e como essas ações influenciam em suas próprias vidas.

Essas vivências me instigaram o desejo de pesquisar sobre o impacto que o programa estava causando no processo de ensino aprendizagem desses alunos. Por isso, fiz minha pesquisa monográfica intitulada “As contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para os alunos do Ensino Médio”. Diante dos resultados obtidos na

pesquisa do trabalho de conclusão de curso realizada no ano de 2013, pude perceber que as metodologias utilizadas contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, bem como facilitou a compreensão desses discentes com relação aos conceitos sociológicos. Na pesquisa desenvolvida na graduação nós pibidianos, trabalhamos juntos com a professora na sala de aula os conteúdos que estavam no cronograma escolar e depois fizemos a relação destes com o filme. A diferença para essa pesquisa do mestrado é que as oficinas ministradas ocorreram em um horário diferente da aula de sociologia, ou seja, a professora da disciplina não estava presente. Além disso, cada conteúdo e cada filme fora trabalhado em apenas um dia de oficina, nesse caso tivemos menos tempo que na pesquisa da graduação para trabalhar sobre a temática. Gostaria de destacar, que desta vez, os conteúdos discutidos foram escolhidos pelos alunos de forma espontânea. O Cine Clube, por sua vez, foi um dos principais responsáveis por esse resultado, de modo que, segundo alguns relatos obtidos na pesquisa, a aula de sociologia tornou-se mais atrativa e dinâmica, pois proporcionava aos alunos sair da sala de aula e ir a campo produzir seus próprios curtas metragens.

Considero ainda o fato, de os trabalhos pedagógicos com o cinema relacionado ao ensino de Sociologia ainda serem pouco nas escolas, e estes se configuram como recurso/linguagem pedagógicas para o ensino, constatação que obtive com a experiência na iniciação à docência no Projeto PIBID, que fez surgir o desejo de aprofundar esse estudo. Considerando que ainda há muito a contribuir e experimentar no âmbito do ensino de Sociologia nas escolas do Ensino Médio, sobretudo, pela capacidade criativa e inventiva dos jovens.

Foi através dessa experiência com o PIBID, que surgiu o desejo de realizar no PROFSOCIO, um estudo mais detalhado que se fundamenta como objetivo geral discutir sobre os impactos causados pelo uso do audiovisual nas aulas de Sociologia no Ensino Médio, buscando contribuir de forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Sociologia. Para tanto, elencamos alguns objetivos específicos como: a) Investigar como os recursos audiovisuais são usados nas aulas de Sociologia a fim de deixar a aula mais interessante e atrativa para os alunos; b) Analisar de que forma os recursos audiovisuais contribuem para o processo de ensino aprendizagem e c) Propor estratégias pedagógicas utilizando o audiovisual. Desta forma, será possível descobrir quais os impactos causados pelo audiovisual e se, de fato, contribuem para o processo de ensino aprendizagem, promovendo, conseqüentemente, uma melhoria do processo de modelagem didática nas aulas de Sociologia.

Sabemos que as pesquisas relacionadas ao trabalho com filmes na área de Sociologia infelizmente ainda são insuficientes, uma vez que, no contexto educacional se faz cada vez mais necessário buscar novas metodologias que possam auxiliar tanto o professor como também o aluno no processo de ensino aprendizagem. Desse modo, buscamos colaborar com essa discussão através de uma relação consciente e construtiva que vise o desenvolvimento do currículo de Sociologia e da competência dos alunos em desenvolver o senso crítico.

A busca dessa ligação entre audiovisual, a disciplina de Sociologia e os alunos do Ensino Médio surgiu pelo fato de o telefone, a câmera fotográfica, a internet, o computador, os filmes se tornarem tão próximos do cotidiano dos alunos. Basta notarmos os inúmeros vídeos que esses jovens produzem utilizando seus próprios dispositivos móveis. Além disso, compartilham com os colegas na sala de aula, com os amigos. Ou seja, esses vídeos permeiam fora e dentro do espaço escolar.

Nesse sentido, considero importante tanto para a disciplina de Sociologia como para a educação em geral discutir sobre o uso do recurso audiovisual na escola, bem como os impactos que os mesmos podem proporcionar ao ensino de Sociologia e a educação em geral. Pois, o universo escolar não pode ignorar a influência que esses recursos exercem sobre a sociedade, e principalmente, sobre as formas de se construir o conhecimento.

Para tanto, como já tenho apresentado no primeiro capítulo, de forma breve, minha trajetória, os caminhos que percorri desde minha infância para chegar até aqui, como aluna mestranda do Mestrado Profissional de Sociologia-PROFSOCIO, e justifico também os motivos pelos quais escolhi a presente linha de pesquisa.

No segundo capítulo retomo, de modo resumido, o contexto da reinserção da história do ensino de Sociologia e sua importância para os currículos do Ensino Médio, trazendo para esse contexto um diálogo sobre a formação dos professores dessa disciplina que atuam em sala de aula.

No terceiro capítulo abordo sobre os recursos audiovisuais bem como sua importância e impacto na educação, pois os recursos tecnológicos ainda são novidades em muitas escolas e principalmente para professores que na maioria das vezes não tem familiaridade com tais recursos. No entanto, estes já fazem parte da vida cotidiana dos jovens do Ensino Médio que estão cada vez mais conectados com o mundo virtual.

No quarto capítulo, intitulado Itinerário Metodológico, apresento toda a metodologia utilizada para realizar a presente pesquisa, desde a escola em que atuei ministrando oficinas e os recursos metodológicos que utilizei para este trabalho.

No quinto capítulo apresento meu diário de campo, no qual, relato sobre o desenvolvimento da pesquisa, desde o primeiro contato com a escola onde realizei observações das aulas em todas as turmas do Ensino Médio como forma de me aproximar e conhecer melhor o corpo discente que foram os atores principais para o desenvolvimento deste estudo, como também, para o processo da oficina ofertada.

O sexto capítulo apresentará os resultados obtidos mediante o desenvolvimento do estudo, bem como, investigaremos através da técnica de análise de conteúdo, pelo fato da mesma consistir uma prática que está interligada a linguagem e seu fazer linguístico. Desse modo, averiguaremos quais os impactos causados pelo uso dos recursos audiovisuais e se de fato, apresentam melhoria nas aulas de Sociologia e conseqüentemente para o desenvolvimento de aprendizagem da disciplina. Nessa perspectiva, apresentaremos também os resultados da pesquisa realizada, como também, reflexões e ensinamentos que possam ajudar o professor pesquisador a trabalhar com o recurso audiovisual/ filme de forma dinâmica e produtiva que auxilie o aluno na compreensão dos conceitos de sociologia e conseqüentemente a sociedade em que vive.

2 A SOCIOLOGIA NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

A reinserção da Sociologia no currículo do Ensino Médio das escolas brasileiras tem sido muito conturbada, uma vez que provocou profundas discussões no âmbito educacional. Foi excluída dos currículos escolares durante muito tempo, por ser considerada desnecessária e ameaçadora em relação às questões sociais. Santos (2002), em seu estudo, divide o histórico da disciplina Sociologia brasileira em três fases: (1891-1941) período de institucionalização da Sociologia no ensino secundário; (1942-1981) período de ausência como disciplina obrigatória e (1982-2001) período de reinserção gradativa da disciplina no Ensino Médio. Para entender todo esse processo de “vai e vem” da disciplina de Sociologia nos currículos escolares, é importante analisar todo o processo histórico, social e político que passava a sociedade brasileira nos respectivos períodos.

A sociologia, enquanto ciência é considerada nova, surgiu no século XVIII mas consolida-se no século XIX na busca por entender a sociedade e seus conflitos. No ano de 1887 um jovem educador conhecido por Emille Durkheim torna-se professor titular da disciplina pela Universidade de Bordeaux na França, na Faculdade de Educação. Segundo SILVA, (2007) no Brasil, só foi introduzida nos currículos escolares como disciplina obrigatória no início do século XX, através da Reforma Rocha Vaz, (1925) e Francisco Campos (1931), que instaurou a obrigatoriedade da Sociologia nos cursos ginasiais. A institucionalização acadêmica da Sociologia no Brasil aconteceu por volta de 1930, com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1933) e também com a seção de Sociologia e Ciência Política da universidade de São Paulo (1934). Esse período foi de grande relevância para o ensino da Sociologia, pois ajudou a afirmar a disciplina nos cursos secundários, normal e a entrada na grade curricular dos cursos preparatórios de ensino superior.

No entanto, em 1942 durante a Era Vargas, com a Reforma Capanema liderada pelo então ministro da saúde e educação Gustavo Capanema, de acordo com Carvalho:

A disciplina foi removida do currículo das escolas secundárias permanecendo apenas nas escolas normais, continuou sendo lecionada até o golpe militar de 1964. Daí, foi totalmente excluída dos currículos das escolas do país (CARVALHO,2004).

Assim, com o país em um regime autoritário era necessário afastar essa disciplina dos jovens, sabendo-se que um dos principais objetivos da Sociologia é tornar cidadãos críticos. Desse modo, a Sociologia tornou-se uma afronta para o governo militar.

A partir de 1980, período da redemocratização do país, a disciplina volta a ser discutida com o objetivo de retornar ao currículo da educação básica, assim como, expandiram-se cursos de pós-graduação em Ciências Sociais e Sociologia, o que contribuiu cada vez mais para sua consolidação.

Em 2008, através da Lei nº11.684/08 que altera o artigo 36 da Lei nº 9.394 de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a disciplina de Sociologia retorna obrigatoriamente aos currículos das escolas do Ensino Médio no Brasil. Recentemente, o Conselho Nacional de Educação (CNE), através de sua Câmara de Ensino Básico (CEB), regulamentou o modo de implantação da Filosofia e da Sociologia nas três séries do Ensino Médio pela Resolução nº 01, de 15 de maio de 2009, ordenando que se conclua a efetivação dessa medida até o final de 2011 (SILVA, 2010). De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais (2006, p.109):

As razões pelas quais a Sociologia deve estar presente no currículo do Ensino Médio são diversas. A mais imediata, e de que já se falou, mas não parece suficiente, é sobre o papel que a disciplina desempenharia na formação do aluno e em sua preparação para o exercício da cidadania. Isso se tem mantido no clichê, quer se ultrapassar esse nível discursivo e avançar para concretização dessa expectativa.

Porém, ainda há uma grande preocupação devido à reinserção da disciplina no currículo do Ensino Médio que é o fato dos educadores ainda se sentirem desorientados em relação aos conteúdos que devem ser ministrados em sala de aula. De acordo com Bodart (2017, p.479) “a falta de domínio de determinados conteúdos de Sociologia apresenta correlação com dificuldades de encontrar recursos didáticos específicos para lecionar essa disciplina”.

Nesse sentido, tendo em vista que, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2000) e OCN's (2006) não propõem conteúdos programáticos definidos, eles apenas sugerem caminhos a serem percorridos com o intuito de atingir os objetivos propostos pela disciplina. Poderíamos dizer que esse é um dos fatores que mais contribuem para o empobrecimento do ensino na Educação Básica? Pois, sem o domínio de conteúdo torna-se ainda mais difícil a explicação de conceitos sociológicos complexos para uma linguagem mais acessível ao aluno.

O que pode levar o professor a se afastar de uma reflexão mais elaborada, ou basear-se apenas no senso comum.

O fato de a disciplina ter sido introduzida nos currículos do Ensino Médio há cerca de apenas 10 anos nos faz perceber que os recursos didáticos³ comparavelmente as outras disciplinas ainda são bastante escassas, sendo esse considerado o maior desafio dos professores que não tem formação específica. Partindo dessa perspectiva, percebemos que as condições históricas da disciplina ainda hoje refletem no cenário da educação. Com a obrigatoriedade da inclusão da Sociologia nos currículos, as escolas preocuparam-se apenas em transferir aos docentes que já trabalhavam na escola e que tinham formação em outras áreas a responsabilidade de ministrar a disciplina. Assim como nos confirma Carmo, (2013, p. 24):

Na preocupação em atender à legislação, as redes de ensino adaptaram seus currículos com a inserção da disciplina de Sociologia, porém sem a imediata contratação de docentes com formação em Ciências Sociais, não atentando para as especificidades desse conhecimento científico, mas, sim, transferindo aos profissionais de outras formações acadêmicas a responsabilidade de trabalhar conteúdos próprios de uma ciência diferente da de sua formação e atuação. Esse procedimento imediatista permeou a Sociologia com uma didática improvisada, adaptando conteúdos sociológicos aos métodos de outras disciplinas, de acordo com a formação acadêmica do professor. De imediato, isso trouxe um descrédito à importância da Sociologia na formação dos estudantes, bem como disseminou entre os professores a prática comum de um conhecimento superficial e sem cientificidade. [...] Como resultado, os professores de Sociologia, sem formação na área, tiveram dificuldades na elaboração de um plano de ensino baseado na necessidade de apropriação sociológica, e como alternativa ministraram aulas abordando temáticas pontuais. Essa ação comum dificultou, de início, a afirmação da Sociologia enquanto ciência e não promoveu o respeito a seu referencial teórico, a sua estrutura metodológica nem a seu histórico de luta por essa inserção.

Nesse caso, os alunos da Educação Básica são os principais a serem prejudicados, pois além dessa conturbada reinserção da disciplina nas escolas, há também a falta de professores capacitados e, conseqüentemente, aumentam-se os riscos de os conteúdos serem transmitidos de maneira descontextualizada, tornando precário o ensino dessa disciplina. Assim como nos confirma, Bodart (2017, p. 479) a dificuldade de acesso se dá de forma mais acentuada entre os professores de Sociologia sem formação na área. A dificuldade em trabalhar os conteúdos é menor entre os que cursaram a licenciatura. Ou seja, o professor que não é formado na área terá mais dificuldade em dominar os conteúdos e conseqüentemente em buscar recursos didáticos que favoreçam uma aula mais dinâmica e prazerosa. De acordo com o INEP/MEC,

³ Recursos Didáticos: Livros, artigos, apostilas, trabalhos acadêmicos, filmes, atividades, exercícios, ilustrações, CDs, DVDs, entre outros.

no que diz respeito ao indicador da formação docente para o Ensino Médio no ano de 2019, o pior resultado é para a disciplina de Sociologia. Com base nessa discussão, observemos a tabela a seguir:

Tabela 1 - Sociologia: Indicador de adequação da formação docente para o Ensino Médio-2019.

Descrição	Porcentagem
Percentual da disciplina ministrada por professores com formação superior de licenciatura (ou bacharelado com complementação pedagógica) na mesma área da disciplina que leciona;	32,2%
Percentual da disciplina ministrada por professores com formação superior de bacharelado (sem complementação pedagógica) na mesma área da disciplina que leciona;	4,3%
Percentual da disciplina ministrada por professores com formação superior de licenciatura (ou bacharelado com complementação pedagógica) em área diferente daquela que leciona;	51,5%
Percentual da disciplina ministrada por professores com formação superior não considerada nas categorias;	9,3%
Percentual da disciplina ministrada por professores sem formação superior.	2,7%

Fonte: Censo da educação Básica 2019. INEP/MEC

Percebemos no quadro acima que apenas 32,2 % de professores que lecionam a disciplina de sociologia têm formação adequada. Ou seja, são licenciados ou têm complementação pedagógica na área. O maior índice de porcentagem, 51,5%, refere-se aos professores que lecionam a disciplina, mas que têm formação em área diferente. Os outros dados referem-se, ainda, a professores que lecionam a disciplina mas que não tem formação superior, ou que sua formação não se enquadra nas categorias apresentadas acima. São dados extremamente preocupantes, pois além de refletir diretamente na legitimação desse componente curricular prejudicam o trabalho docente na área.

Na escola que ministrei as oficinas para esta pesquisa, por exemplo, a professora que leciona a disciplina de Sociologia é formada na área de Biologia. E a gestora da própria instituição é formada em Licenciatura em Ciências Sociais, porém, sabemos que isso é responsabilidade do sistema de ensino. Assim como nos diz Carniel e Lima (2017, p.25):

Apesar do grande número de turmas que não possui professor de Sociologia, existe um grande percentual de professores de Sociologia que lecionam outras disciplinas. Isso mostra o quanto o sistema de ensino apresenta problemas de organização, que acabam por repercutir diretamente na qualidade do ensino.

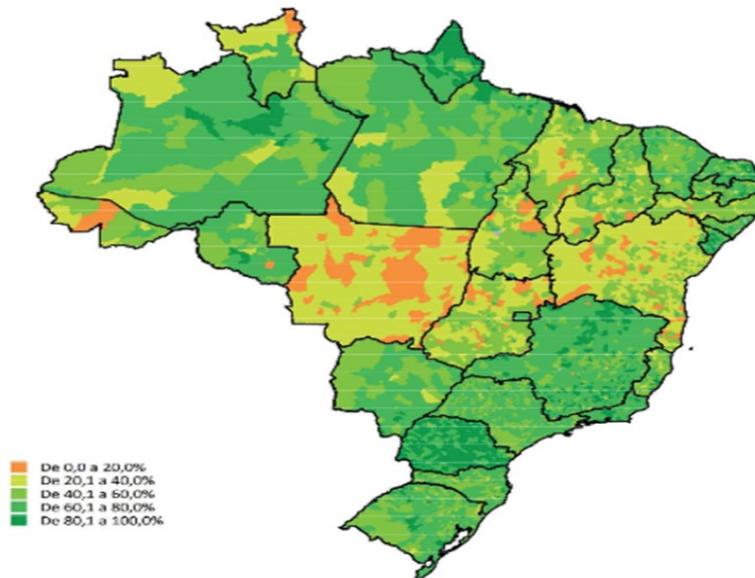
Sabemos que a disciplina de sociologia discute temas também abordados em outras disciplinas como a geografia e história, por exemplo. A diferença é que a sociologia tem um pensamento crítico. Ou seja, o conteúdo pode ser o mesmo, mas a percepção de análise é diferente. “Os sociólogos não procuram expressar suas impressões pessoais sobre os fatos sociais, mas construir conceitos científicos”. (RAMALHO,2012, p.10). No entanto, se o professor que ministra a disciplina de Sociologia não tiver formação específica ele pode fugir dos objetivos propostos pela disciplina no currículo do Ensino Médio. Assim, a discussão pode ficar apenas no senso comum, e o que é pior, os alunos podem ficar desestimulados.

Com relação às outras disciplinas os dados do INEP/MEC (2019, p.59), apontam que “a Sociologia tem o pior indicador de formação docente. Nas disciplinas de língua portuguesa, matemática, geografia, história, biologia, educação física, por exemplo, os percentuais são maiores que 70%”. Consideramos esta situação preocupante para uma disciplina que há muito tempo vem se lutando por sua consolidação e permanência nos currículos da Educação Básica.

Outro fator bastante alarmante é com relação à formação docente por municípios. De acordo com Oliveira, (2014, p. 292) na maioria dos Estados do Nordeste, assim como no restante do país, predominam os profissionais que lecionam Sociologia mas que não possuem formação acadêmica, e mesmo quando a possuem encontram limites de estrutura para produzir uma ‘desnaturalização da realidade social.

O mapa a seguir, nos apresenta índices de que as regiões Centro-Oeste e Nordeste apresentam o pior desempenho nesse indicativo. Os percentuais de menor índice encontram-se nos Estados do Mato Grosso, Bahia e Tocantins. Os Estados Amapá, Paraná e Rio de Janeiro destacam-se com maior número de índices. (INEP/MEC, p.59, 2019).

Mapa 1 - Percentual de disciplinas que são ministradas por professores com formação adequada no Ensino Médio por município.



Fonte: Censo da educação Básica 2019. INEP/MEC.

Em análise ao mapa acima, verificamos que da Região Nordeste o Estado da Bahia encontra-se com pior índice, pois apresenta apenas um percentual de 20% a 40% em quase todo Estado. Em seguida, observamos o Maranhão, Piauí e Pernambuco com uma leve melhora em comparação ao Estado da Bahia. Mas, com percentual que fica entre 40% a 60% em quase todo território. Os demais Estados foram observados com percentual numa média de 60% a 80% em sua maior parte.

Diante de tantas dificuldades que os professores enfrentam como a ausência da formação na área de Sociologia, falta de recursos didáticos, entre outros que não nos deteremos aqui, somos instigados a refletir sobre a importância de buscarmos, cada vez mais, recursos que auxiliem o docente principalmente aquele que não é da área, a ministrar uma boa aula, pois sabemos que “é importante que o professor faça um trabalho de qualidade, que justifique a presença da disciplina na escola.” (LENNERT, 2011, p.400). Consideramos que investir na qualificação do professor é também melhorar a qualidade da didática pedagógica desse docente, uma vez que, o mesmo terá melhores condições de elaborar um plano de aula com maior eficácia e por sua vez, proporcionará aos alunos melhor entendimento sobre os conteúdos.

Diante disso, consideramos que transformar o conhecimento do saber (ciências de referência) em conhecimento didático (saber escolar) a ser assimilado pelo aluno é um grande

desafio do professor. Nesse sentido, o recurso/linguagem pedagógica pode auxiliar o aluno no processo de construção do conhecimento ao passo que o mesmo se recordará da cena de determinado vídeo, ou até mesmo da fala de um determinado personagem e automaticamente relacioná-lo a algum conceito sociológico abordado em sala de aula. O audiovisual se for bem utilizado em uma aula pode fazer com que o aluno saia do universo da sala de aula, que na maioria das vezes é em uma escola que funciona com horário integral, na qual o discente passa a aula inteira de forma passiva apenas olhando para o professor, o que o faz achar a aula desinteressante e não atrativa. Assim, os saberes são mobilizados, transformados em objeto de ensino, dialogando com os conteúdos escolares, com os professores e com os alunos.

Ao partir do concreto o vídeo pode tocar nossos sentidos, mexer com o nosso corpo, com nossa pele, as sensações e os sentimentos – nos tocam e ao mesmo tempo “tocamos” os outros. (MORAN,2002. p.02). Nessa perspectiva, apontamos esses recursos como ferramentas auxiliares que facilitam e aumentam a qualidade do ensino-aprendizagem. Sobretudo, para melhor captar os conceitos e categorias abstratas inerentes às abordagens sociológicas tornando as aulas mais flexíveis, dinâmicas, provocativas, atuais e de fácil compreensão. De modo que o professor deverá pensar as metodologias, considerando o aspecto sociológico no sentido de que as ideias apresentadas devem atingir os alunos do Ensino Médio.

Todavia, isso não quer dizer que não se possa fazer educação de qualidade sem utilizar tais instrumentos. Porém, quando utilizados devem ser bem utilizados, ou seja, deve-se ter um objetivo a se alcançar no processo de ensino-aprendizagem desses alunos, e não só utilizar e pronto.

3 LUZ, CÂMERA, AÇÃO!

Esta seção tem como principal objetivo apresentar o capítulo “Luz, Câmera, Ação”. Para esta finalidade, optou-se por organizá-la da seguinte forma: 1) as juventudes e o mundo digital; 2) linguagens audiovisuais; 3) audiovisual, escola e práticas educativas.

3.1 AS JUVENTUDES E O MUNDO DIGITAL

Com o advento da tecnologia, novos paradigmas sociais, novos modos de pensar, de agir e de comunicar-se são introduzidos em nossa sociedade. Isto é, novas linguagens estão sendo incorporadas em nosso meio. Vivemos hoje na sociedade da informação e do conhecimento em que os indivíduos estão cada vez mais conectados com os recursos tecnológicos que, por sua vez, ocupam um espaço bastante significativo na vida das pessoas e principalmente na vida dos jovens que vivem diariamente interligados a essas ferramentas.

Acessar, postar, teclar, entre outras, já fazem parte da rotina desses indivíduos. Apesar de as mídias proporcionarem vários benefícios é preciso estar atento, pois, ela também pode causar inúmeros transtornos à sociedade que a torna cada vez mais dependente desses recursos e em especial os jovens que muitas vezes chegam até adoecer devido à falta de orientação para utilização desses meios.

Essa nova cultura midiática trouxe consigo uma nova identidade sendo esta perceptível nas relações sociais, pois, os jovens de hoje passam mais tempo interagindo nas redes sociais do que mesmo com os outros indivíduos que estão a sua volta. Em decorrência do mau uso desses recursos muitos jovens adquirem alguns transtornos como ansiedade, depressão e alguns chegam até a suicidar-se. A adição à internet (AI), considerada a epidemia do século pode provocar sérios danos à saúde mental e conseqüentemente física dos jovens. Os efeitos deletérios são:

Alterações na qualidade do sono, na nutrição e na atividade física, menor desempenho acadêmico ou profissional e prejuízo nos relacionamentos interpessoais. Além disso, diversas pesquisas relacionam a AI aos transtornos de humor, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtorno de uso de substâncias, ansiedade, ansiedade social, solidão, baixa autoestima, menores níveis de atividade física, hostilidade e comportamento agressivo, comportamento compulsivo, impulsividade, maiores taxas de transtornos de personalidade, menor felicidade e vitalidade subjetivas, prejuízos na saúde mental de forma geral e suicídio. (MOROMIZATO, 2017, p.498).

Além disso, percebemos também outros fatores de violência vivenciados por esses jovens como cyberbullying (ofensas digitais), entre outros que acabam se tornando frequentes entre os jovens principalmente no âmbito escolar. Diante desse cenário, percebemos a importância de se trabalhar sobre esses recursos na escola, buscando conscientizar os alunos, estimulando-os a perceber-se enquanto usuários. É preciso educar os jovens estimulando-os a desenvolver o senso crítico e reflexivo para que possam aprender a utilizar os recursos midiáticos de forma saudável e proveitosa.

O pensamento de Gomes (2013, p.02) reforça a importância de se trabalhar com “os recursos midiáticos, pois dentro da escola auxiliam professores e alunos no trabalho com informações que estão sendo produzidas rapidamente na sociedade contemporânea, e que em muitos casos se dilui sem ao menos conseguirmos decifrá-las”.

Diante do exposto, compreendemos a relevância de utilizar os audiovisuais na escola, sobretudo incentivar os jovens a compreender os limites e possibilidades que esses recursos nos permitem mediante seu manuseio, como também, aprender a interpretar a linguagem visual para, então, não se tornar vítima da manipulação midiática. Os professores, bem como a escola, devem buscar estratégias pedagógicas que produzam ações educativas significativas ao universo desses jovens que estão no processo de formação no Ensino Médio, considerando que a instituição escolar é vista como responsável pela formação e desenvolvimento do sujeito enquanto ser social, preparando este para o exercício da cidadania e para o mundo do trabalho de modo que atenda as exigências da sociedade moderna.

3.2 LINGUAGENS AUDIOVISUAIS

De acordo com Locatelli e Rosa, (2013, p.160) “a linguagem dos audiovisuais se compõem pela junção dos elementos sonoros e visuais. Ou seja, nos referimos a formas de comunicação direcionada a dois sentidos humanos: a visão e a audição”. Com o advento da tecnologia, a linguagem perpassa um processo histórico modernizando-se e diversificando-se através dos aparelhos midiáticos, como por exemplo, o rádio, a televisão, o computador, os telefones entre outros, que estão cada vez mais modificando o modo das pessoas se comunicarem utilizando diferentes linguagens. Desse modo:

A linguagem cinematográfica é, na verdade, formada por diferentes linguagens, todas subordinadas a um meio. O filme pode agregar em si todas as outras artes: fotografia, pintura, teatro, música, arquitetura, dança e claro, a palavra falada. Tudo pode chegar ao cinema – grande ou pequeno, natural ou fantástico, bonito ou grotesco. (EDGAR-HUNT, et al. 2013, p.10).

Partindo de um contexto social podemos afirmar que a linguagem enquanto prática social é a responsável pela interação do indivíduo na sociedade, uma vez que articula ideias e constitui o discurso desse sujeito transformando o contexto em que está inserido. Ou seja, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, porque só a linguagem se fundamenta na realidade desse sujeito, dando-lhe o conceito de “ego” (BENVENISTE, 1988).

Em decorrência dessa afirmativa podemos dizer que o audiovisual também traz consigo o surgimento de novas identidades. Nessa perspectiva, compreendemos que o contexto escolar é um dos espaços onde os indivíduos começam a socializar-se fora do ambiente familiar, sendo este imprescindível para a constituição do ser humano enquanto indivíduo social. No entanto, a escola ainda busca vencer os desafios relacionados à introdução desses recursos na sala de aula, uma vez que o analfabetismo tecnológico ainda atua sobre as escolas.

Por volta dos anos 1970 e 1980 surgiu a ideia de que a alfabetização, não se resumia apenas a aprendizagem da leitura e da escrita, podendo abranger o universo do audiovisual que começava a invadir o cotidiano das pessoas (OLIVEIRA, 1997). Podemos compreender alfabetização digital por um aprendizado que, através de uma linguagem verbal e não verbal, permitem ao indivíduo desenvolver práticas de leitura e escrita em ferramentas digitais (GARCIA, 2016, p.14). Considerando que a linguagem audiovisual proporciona ao público

informações, saberes, valores e outros modos de ler e perceber a realidade da sociedade atual, sobretudo o meio em que o indivíduo está inserido. Podemos afirmar que esse novo modo de compreender o mundo será transformado em formação, pelo fato de desenvolver um saber consciente e crítico no educando e no educador. O conceito de alfabetização não se limita a possibilidade de ler, mas principalmente, dar significado ao que se lê. A alfabetização digital permite desenvolver competências no homem contemporâneo de conhecer, organizar, trocar informações com o outro buscando ocupar seu papel na sociedade enquanto cidadão crítico e ativo que possa intervir no meio em que vive.

Com o advento da linguagem tecnológica, a linguagem escrita, por si só, já não é suficiente, tornando-se necessário alfabetizar também os estudantes de forma digital para que sejam capazes de elaborar suas próprias comunicações com suas distintas linguagens e lógicas de articulação. Nessas circunstâncias, é fundamental que a escola perceba a necessidade de incorporar esses recursos audiovisuais, em especial o cinema, às práticas pedagógicas, para não ficar excluída diante de tais transformações tecnológicas que ocorrem no dia de hoje.

Partimos do pressuposto que o cinema é uma forma de linguagem situada histórica e socialmente, portanto, revela o recorte e as concepções de um sujeito ou grupo acerca do mundo. Assim, é urgente compreender a especificidade dessa linguagem para pinçar as suas contribuições na leitura da realidade, mas, também, para desvelar as possíveis armadilhas que ela comporta (MOTHES, 2008).

Nesse contexto, o grande desafio é promover na escola um ambiente ativo/criativo de novas metodologias e habilidades que introduzam professores e alunos no universo da linguagem audiovisual que possibilita tanto ao aluno como também ao professor transmitir e receber informações que permitem a compreensão de processos culturais que fazem parte do cotidiano desses personagens.

De acordo com o pensamento de Pérez e Delgado (2017, p.05) vale destacar que o uso do audiovisual (filme) para o ensino “não são atrativas somente com as habilidades de procurar, obter, processar e comunicar [...] é preciso o domínio das linguagens e dos suportes, dos padrões de decodificação e de transferência que os meios e as tecnologias incorporam e sua aplicação à compreensão, à interpretação crítica, à comunicação e à expressão”. Assim, para que esta competência obtenha êxito é necessário levar em consideração a linguagem e principalmente sua interpretação.

Nesse sentido, compreendemos que não basta só levar a informação direta. É de fundamental importância que se abra um debate sobre determinado conteúdo e, principalmente, fazer apontamentos possibilitando aos alunos desenvolver racionalmente

novas mensagens e novas informações acerca da linguagem audiovisual, fazendo com que esta deixe de ser apenas uma simples ferramenta tecnológica, passando a exercer seu real objetivo na sala de aula que é didático-metodológico, pois, quando utilizado, o audiovisual traz consigo várias informações.

Nessa perspectiva Libâneo (2013, p.27) aponta que “a didática se caracteriza como mediação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e também da prática docente. Ela opera como que uma ponte entre “o que” e o “como” do processo pedagógico escolar”. Ou seja, ela promove condições que proporcionam aos alunos melhor entendimento sobre determinado assunto, assim como também instiga o professor a refletir sobre sua prática, buscando melhorá-la sempre. Ainda segundo Libâneo (2013, p.27):

A didática descreve e explica os nexos, relações e ligações entre o ensino e a aprendizagem; investiga os fatores codeterminantes desses processos; indica princípios, condições e meios de direção do ensino, tendo em vista a aprendizagem, que são comuns ao ensino das diferentes disciplinas de conteúdo específicos.

A didática é no universo da educação um fator fundamental para o processo de ensino aprendizagem, pois é através dela que se define o que é bom e o que é ruim, o que se deve e o que não se deve fazer na sala de aula, com os alunos. É ela que define o bom e o mau professor. Assim, é preciso que o professor desperte no jovem o exercício de interpretar e refletir criticamente sobre o conteúdo trabalhado dando novos sentidos aos conceitos e saberes. Deste modo, deve-se repensar na forma como o currículo está sendo construído com relação a essa enxurrada de informações que o aluno recebe. Nessa perspectiva, Tomazi citado por Oliveira e Costa, (2008, p.100):

[...] ou se modifica a maneira de trabalhar, planejar, utilizar recursos didáticos e avaliar enquanto professores, ou nossos jovens alunos irão procurar em outros lugares o conhecimento e a forma de conhecer que não estamos sabendo transmitir e formar.

Compreendemos que a linguagem audiovisual é considerada importante para o processo de ensino aprendizagem, porém, o professor é insubstituível. Assim como nos diz Freire (1996), que o professor ao ensinar também aprende, o sujeito assim é um sujeito inacabado. E esses recursos devem auxiliar para a eficácia do processo de ensino-aprendizagem sendo necessário que o professor permita-se aprender novas habilidades, novas linguagens, uma vez que a arte docente se constitui no aprender para ensinar.

O professor era visto na sala de aula apenas como transmissor do discurso/conteúdo, enquanto o aluno era o receptor que apenas recebia as informações. Ou seja, tinha-se uma educação bancária na qual, mantinha-se a concepção de que apenas o professor era o detentor do saber. Por isso, compreendemos que não se levava em conta os conhecimentos que os alunos já tinham, que traziam do mundo lá fora para a sala de aula. Ainda de acordo com Paulo Freire (1996, p.58):

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele, como sujeitos.

Eis um modelo de educação que forma indivíduos acomodados e que não questionam o que lhe é imposto pela sociedade. O aluno é limitado em seu espaço, sem poder compartilhar experiências e questionar novos saberes. No entanto, o cenário da sala de aula hoje conta com o uso dos recursos audiovisuais que por sua vez, possibilitam que a aula aconteça de forma dinâmica e atrativa. O aluno, que vive conectado aos recursos tecnológicos, que vive informado deixa de ser um mero receptor de mensagens chegando à sala de aula cheio de novidade para compartilhar com os demais, até mesmo o professor, que por sua vez, poderá além de transmitir conhecimentos, aprender com seu próprio aluno havendo então, uma troca de saberes. A relação entre professor e aluno é importante para que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma prazerosa.

Este fato nos traz a concepção de que o problema não é buscar as informações, mas a forma como aprender e ensinar a selecioná-la, avaliá-la, interpretá-la, classificá-la, usá-la e aplicá-la em nosso meio. Partindo dessa lógica, o educador deve, constantemente, refletir sobre suas práticas buscando sempre melhorá-las para que as aulas se tornem cada vez mais atrativas e o trabalho com o audiovisual não seja apenas ilustrativo.

Assim, percebemos que com a utilização desses recursos, as aulas tidas como chatas e monótonas em que os alunos eram passivos ouvintes podem ser substituídas por aulas dinâmicas, nas quais os jovens são desafiados a desenvolverem o senso crítico sobre a realidade em que estão inseridos, através de uma nova linguagem que é o audiovisual. A linguagem visual considera sua legitimidade em composição de complexas narrativas, pois reúne ao mesmo tempo imagem, som e o movimento (BERLE e MURILLO, 2011).

Sabemos que a função principal da linguagem é a comunicação sendo esta, extremamente necessária para relações sociais nos dias de hoje pelo fato de estar interligada

aos recursos midiáticos. Assim, é imprescindível que o educador, além de dominar a linguagem formal, busque também dominar a linguagem referente aos meios de comunicação considerando que esta já faz parte do mundo dos jovens educandos.

Desta forma, o professor poderá melhor instigar o aluno a fazer uma leitura mais abrangente da que tenha feito antes da projeção de algum filme que tanto pode ser ficcional ou documental (RESENDE, 2012). Nesse caso, o aluno poderá ter mais facilidade em participar de discussões, desenvolvendo seu olhar crítico acerca da ficção e da realidade mediante a percepção da linguagem.

3.3 AUDIOVISUAL, ESCOLA E PRÁTICAS EDUCATIVAS

O termo audiovisual vem das expressões latinas “audire” (ouvir) e “videre” (ver), o que significa a junção de vídeo e áudio em produtos midiáticos. Basicamente, podemos dizer que é um vídeo com som (ASTRONAUTAS, 2017). É importante mencionar que surge aqui uma nova linguagem através da qual nos permite ler e compreender o mundo a nossa volta, dando vida a novos paradigmas sociais e emergencialmente educacionais. No início do século XX, o cinema consolida-se como expressão artística causando grande impacto social e cultural, uma vez que foi objeto de análise e reflexão por vários pesquisadores (QUINSANI, 2011). Alguns estudiosos passaram a pesquisar cada vez mais sobre essa ciência óptica que trazia curiosidades a respeito da reprodução de imagens que, por sua vez, proporcionou criações revolucionárias no mundo.

Com o desenvolvimento tecnológico e o desenfreado consumo de aparelhos como câmeras, computadores e principalmente aparelhos celulares, a produção de som e imagem se torna acessível por grande parte da população em especial o público jovem. Assim, se há algo novo, é a interseção Cinema-Educação como campo emergente na educação básica (MACHADO, 2018).

A discussão sobre a importância da relação entre cinema e educação tem se intensificado cada vez mais, pois é uma questão aprovada em lei. O senador Cristovam Buarque desenvolveu o Projeto de Lei (PL 185/08) que complementou o parágrafo 6º ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), propondo que “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua

exibição obrigatória por no mínimo duas horas mensais”. (BRASIL, 2014). Segundo Fresquet e Migliorin, (2015, p. 5):

A parte pedagógica da justificativa indica que “a ausência de arte na escola, além de reduzir a formação dos alunos, impede que eles, na vida adulta, sejam usuários dos bens e serviços culturais; tira deles um dos objetivos da educação, que é o deslumbramento com as coisas belas. [...] Para ele ainda, “os jovens que não têm acesso a obras cinematográficas ficam privados de um dos objetivos fundamentais da educação: o desenvolvimento do senso crítico.

Entretanto, a referida lei ainda permanece no papel talvez pelo fato de o senador ao propô-la não trazer nenhuma sugestão de apoio ao professor, assim como também, não apresenta nenhuma condição de custo e de aquisição de espaços e equipamentos para que as escolas as busquem. Sabemos que é de extrema importância que o governo invista em salas de infraestrutura, equipamentos, acervos, que possam dar condições a escola de permear outras possibilidades de obter conhecimento, pois infelizmente nem todas as escolas dispõem de tais condições. Desse modo:

Muitas são as escolas, no Brasil, que, em termos de estrutura, estão muito aquém desta revolução. Encontram-se escolas em que os educadores ainda não conseguiram, sequer, dominar tais tecnologias e que ainda estão no modelo tradicional de ensino através do quadro a giz. (MONTEIRO,2012, p.104)

Apesar do avanço, infelizmente ainda existem escolas, que permanecem na política do atraso, esquecidas pelas políticas públicas. No entanto, não estamos tratando apenas de introduzir o recurso audiovisual na sala de aula, mas, sobretudo o que ele pode causar enquanto conhecimento através do olhar e da imagem. Pois, levar filmes para a sala de aula sem nem um objetivo metodológico é mais um fator que prejudica o processo de ensino aprendizagem da disciplina. Isso ocorre muitas vezes pelo fato do professor sentir dificuldades em dominar os conteúdos e, conseqüentemente, de relacioná-los a ficção bem como a realidade destes alunos, que por sua vez também terão dificuldade em realizar esta atividade, sendo desestimulados pelo próprio professor, levando-os a não gostarem da Sociologia.

Trazer a TV ou o cinema para a sala de aula não é apenas buscar um novo recurso metodológico ou tecnologia de ensino adequados aos nossos dias, mais palatáveis para os alunos-e-o público-, que são condicionados mais a ver do que a ouvir, que tem a imagem como fonte do conhecimento de quase tudo. Trazer a TV e o cinema para a sala de aula é submeter esses recursos a procedimentos escolares-estranhamento e desnaturalização (OCN’s, 2000, p.129).

É relevante destacar, ainda, que o ensino não se restringe apenas a aulas teóricas e expositivas, mas a forma como são apresentados os conceitos a ponto de chamarem a atenção dos jovens alunos que vivem numa sociedade permeada por atrativos, como a mídia, por exemplo. O que tem exigido uma busca de metodologias, recursos e práticas pedagógicas que, ao mesmo tempo, prendam a atenção do jovem educando e o leve a desenvolver um olhar reflexivo a respeito do mundo em que vive.

Para Rachetti e Santana (2016), “através do curta-metragem o aluno pode ser instigado a levantar pontos importantes gerando um debate na sala de aula, uma vez que o mesmo exerce a reflexão, faz críticas e ao mesmo tempo aprende aquilo que desconhece”. Desta maneira, a aula torna-se mais dinâmica, visto que o professor deixa de ser o centro único da sala de aula, e o aluno passa a ser um protagonista de sua própria aprendizagem, o que nos leva a perceber que passa a existir ali uma troca de saberes entre professor e aluno. Com base nessa concepção é necessário que o docente ao levar um filme para a sala de aula tenha uma organização adequada para tais fins, como:

Quadro1 - O filme na sala de aula.

Nº	ORGANIZAÇÃO
01	O educador deve assistir ao filme e inteirar-se da obra antes de apresentá-la;
02	As condições de apresentação, em termos de imagem, som e iluminação, precisam ser adequadas;
03	Os equipamentos devem estar testados;
04	Os alunos necessitam de informações sobre o conteúdo daquilo a que vão assistir e estar preparados para a exibição e para as atividades que lhe serão solicitadas;
05	O mobiliário onde os alunos se acomodam precisam ser adequados e oferecer conforto durante todo o tempo de exibição;
06	O planejamento da aula deve incluir um momento de relaxamento e reflexão, depois da imersão no filme que a apresentação exigirá;
07	Apresentações de filmes precisam ser usadas com parcimônia e se justificarem em termos específicos e pedagógicos;
08	O professor deve estar preparado para críticas;
09	O material precisa estar de acordo com as mais recentes pesquisas sobre o tema em foco;
10	O professor deve apresentar o filme com ficha técnica e informações acerca de sua produção.

Fonte: COSTA, 2013.

Ou seja, levar filmes para a sala de aula é necessário a organização do professor. No caso de apenas levá-lo sem um planejamento adequado corre o risco de essa aula tornar-se vaga e desinteressante. Ainda que o mesmo tenha uma história atrativa e possa chamar a atenção, o principal objetivo que é relacioná-lo aos conceitos sociológicos, instigando o pensamento e a formação desses alunos poderá perder o verdadeiro sentido.

Conforme enfatiza Galetti, Almeida e Bonifácio (2013), o filme enquanto audiovisual é compreendido enquanto prática social, tendo como significado cultural mediante o contexto em que é visto ou produzido. Nesse sentido, os filmes podem nos trazer uma série de abordagens, de representações como masculinidade, feminilidade, etnia, misticismo, padrões sociais, entre vários outros. É importante ressaltar que essa já é uma prática comum para esses jovens, pois diariamente utilizam o celular para criar e postar nas redes sociais fotos e imagens de situações corriqueiras que foram produzidos com naturalidade, e que podem ser utilizados numa aula de Sociologia para refletir sobre determinado conteúdo que esteja sendo discutido na aula. Diante de tantas tecnologias, torna-se complicado trabalhar todos esses conteúdos sem essa mediação audiovisual que permeia o dia a dia, os diversos espaços de sociabilidade: em casa, no trabalho, na rua e em vários outros lugares.

Portanto, nos indagamos porque não as aplicarmos nas aulas de Sociologia? Preparar os jovens não é um desafio simples e requer comprometimento com a prática educativa, na qual o processo de ensino-aprendizagem exige qualificação e comprometimento dos profissionais, devendo ser este um processo contínuo. Nesse sentido, o uso de recursos audiovisuais é de grande valia para levar os conteúdos da sala de aula para a realidade dos alunos, instigando-os a refletirem sobre os mesmos, bem como, sua experiência de vida e a compreendê-los melhor. Assim, esses filmes constituem-se instrumentos indispensáveis para a leitura sociológica dos fatos e dos fenômenos sociais abrindo um leque de indagações para os discentes acerca do mundo social.

Os recursos tecnológicos ocupam um espaço bastante significativo na vida das pessoas e principalmente na vida dos jovens que vivem diariamente conectados, e é dever dos professores bem como da escola, inserir-se no universo desses jovens. Caso contrário, o ensino corre o risco de tornar-se desqualificado, desvalorizado pelos alunos que por sua vez, se desinteressarão:

O sistema não se deve abstrair da sociedade em que está inserida, mas acompanhá-la, formando alunos enquanto futuros cidadãos para uma melhor integração numa sociedade da informação. Para responder a este desafio, é fundamental que o sistema de ensino não se afaste das TICs, mas que as incorpore no processo de ensino/aprendizagem (FERREIRA, 2010, p.08).

As imagens em movimento representam a realidade, tornando-se fatores fundamentais para a construção do sujeito enquanto ator social que se identifica através do processo histórico, cultural e social, podendo assim, desenvolver suas próprias percepções sobre a realidade em que estão inseridos, sobretudo sobre si mesmos enquanto indivíduos.

Por esse motivo, não podemos pensar em uma didática sem pensar nas tecnologias, sobretudo nos recursos audiovisuais, visto que estes são considerados fortes aliados no processo educativo. A modernidade é audiovisual. Se há anos já era difícil prender a atenção dos alunos apenas com aulas teóricas e expositivas, imaginemos agora dar aulas para um público que está totalmente imerso no mundo digital.

Para Kenski, (2010), as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação. Vídeos, programas educativos, sites educacionais, entre outros transformam a realidade, e dinamizam o espaço de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, torna-se relevante refletirmos sobre o verdadeiro papel da escola, pois, além de preparar os jovens do ensino médio para uma educação de qualidade é necessário que tenhamos professores bem qualificados e aptos para assumirem a responsabilidade, não apenas de preparar os alunos para o ingresso no mundo do trabalho, mas para o exercício da cidadania. Nessa concepção, a escola passa por novos desafios como o de estimular o desenvolvimento de consciências críticas que possam compreender e explicar a nova realidade, contextualizando-a a partir das experiências dos alunos.

Vimos que, a escola é o espaço fundamental para a formação do aluno, pois transmite ao mesmo tempo conhecimentos para além da sua realidade, auxiliando-o a compreendê-la e, por conseguinte, refletir sobre tal contexto. Ou seja, para que a escola possa oferecer uma boa educação aos jovens de hoje, que buscam a cada dia superar, deve-se considerar o conhecimento do aluno, mas não pode se restringir a este. É importante que se crie condições para que esse educando aprenda e se desenvolva intelectualmente e profissionalmente, sendo fundamental que tenhamos uma educação de qualidade, instigadora, estimulante e dinâmica em todos os níveis de ensino.

Para César e Duarte, (2010, p.827), “a crise contemporânea da educação é, pois, o correlato de uma crise de estabilidade de todas as instituições políticas e sociais de nosso tempo”. Considerando ainda, que estamos na era das evoluções tecnológicas e que as constantes mudanças fazem com que nós seres humanos tenhamos de nos adaptar com o novo. Devemos compreender que os jovens são sujeitos que assumem diferentes identidades

devido a essa facilidade de acesso a informações que são adquiridas em tempo real, uma vez que os recursos audiovisuais estão presentes em suas vidas.

Assim como faz referência os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Espera-se que a escola contribua para a constituição de uma cidadania de qualidade nova, cujo exército reúna conhecimentos e informações a um protagonismo responsável, para exercer direitos que vão muito além da representação política tradicional: emprego, qualidade de vida, meio ambiente saudável, igualdade entre homens e mulheres, enfim, ideais afirmativos para a vida pessoal e para a convivência (PCNs, 2000, p.59).

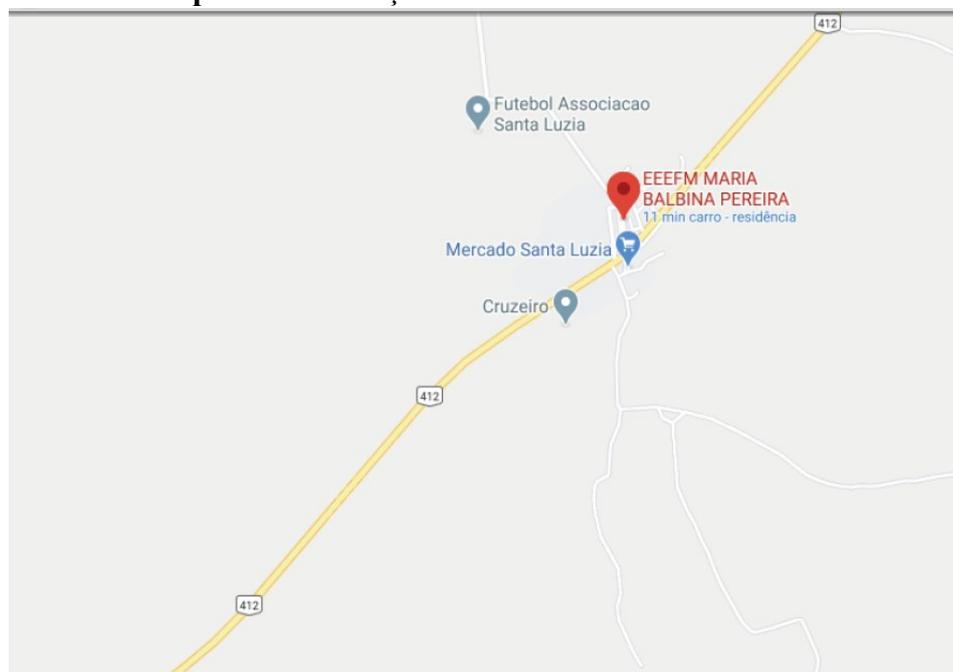
Diante disso, compreendemos a tamanha importância da organização do Ensino Médio e particularmente da disciplina de Sociologia nos currículos da Educação Básica brasileira, uma vez que esta é de extrema importância para a formação do jovem aluno do Ensino Médio, pois tem-se como finalidade ajudar na construção do conhecimento e no preparo para a vida em sociedade.

De acordo com as OCNs, (2000, p.109), “as razões pela qual a Sociologia foi inserida nos currículos do Ensino Médio são diversas. A mais imediata, é sobre o papel que a disciplina desempenharia na formação do aluno e em sua preparação para o exercício da cidadania”. Assim, pretende-se, então, ultrapassar esse nível discursivo e avançar para a concretização dessa expectativa, que é possibilitar a esses jovens o desenvolvimento para o exercício da cidadania e o senso crítico sobre o meio em que vivem. Assim, objetivando formar sujeitos capazes de exercer uma prática profissional visando à construção de uma sociedade mais justa e menos desigual, de forma a contribuir para a transformação da realidade social.

4 ITINERÁRIO TEÓRICO METODOLÓGICO

O referido estudo foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira ⁴ localizada na AV. Maria Balbina Pereira, S/N, Distrito Santa Luzia do Cariri, Município de Serra Branca que está localizada no centro da microrregião do Cariri da Paraíba⁵. De acordo com o Projeto Político Pedagógico a mencionada instituição é integrante do Sistema Estadual de Ensino Básico.

Mapa 2 - Localização da Escola Maria Balbina Pereira.



Fonte: Google Maps.

⁴ Este nome se deu em homenagem a uma pessoa muito influente e querida por todos da comunidade por ser parteira. A senhora Maria Balbina Pereira nasceu em 1910 e faleceu em 1981, era natural do município de Serra Branca.

⁵ Com uma superfície de 1.034 km², ocupa o 8º lugar em extensão no Estado, o que corresponde a 4,4% da Microrregião, distando da capital 240 km e de Campina Grande 110 km. Tem coordenadas de 4°45' e 4°23' de latitude sul e 36°41'00 e 36°33'00 de longitude, tendo como municípios vizinhos- a leste, São José dos Cordeiros; ao Sul, Coxixola e a Sudeste, Sumé. Atualmente a população de Serra Branca é de 13.707 habitantes. Serra Branca possui dois Distritos: Santa Luzia do Cariri e Sucuru. (Projeto Político Pedagógico, p. 06, 2019).

Fotografia 1 - Escola Maria Balbina Pereira.

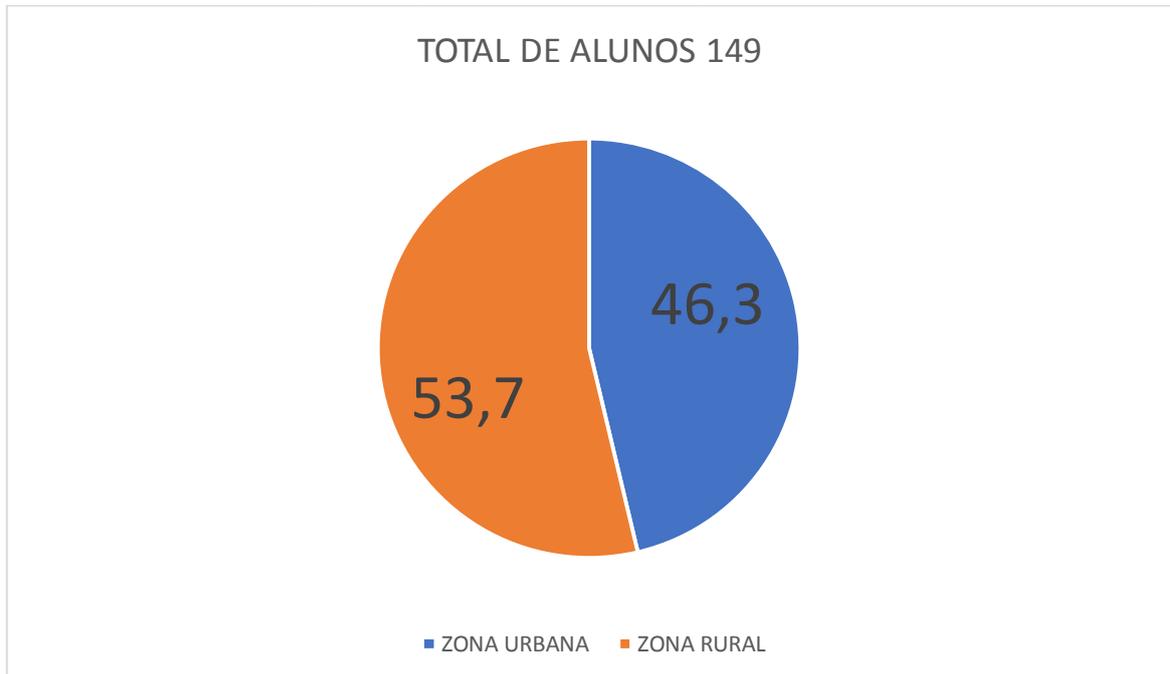


Fonte: santaluziadocaririemfoco.blogspot.

A Maria Balbina Pereira atende alunos dos Distritos Santa Luzia do Cariri e Sucuru, e dos sítios: Sussuarana, Riacho do Buraco, Marias Preta I, Marias Preta II, Barriguda, Boa Vista, Salão, Ingá, Angico, Pé de Serra, Cacimba Nova, Quixaba. A Instituição foi autorizada inicialmente como Escola Rural em 30 de setembro 1931 e foi regulamentada pelo decreto nº. 192 -30/09/31. A priori atendia a alunos da Educação Infantil e Fundamental I e II (1º ao 9º ano). Na década de 1990 a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I passaram a ser responsabilidade do Governo Municipal, e a Maria Balbina assumiu o Ensino Fundamental II e implantou o Ensino Médio. Depois de alguns anos foi implantada também a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo o documento verificado, esse fato, foi uma grande conquista para o Distrito, pois muitos alunos oriundos dos sítios vizinhos e do próprio distrito que não tiveram chance de estudar por ter que trabalhar na agricultura quando jovens voltaram à sala de aula; e para aqueles que concluíam o ensino fundamental II e não tinham condições de cursar o Ensino Médio na sede do Município ou em outras localidades, conseguiram concluir e sonhar com o futuro acadêmico. Os estudantes da Maria Balbina são oriundos da Zona Urbana do distrito, no entanto, a maioria vem da zona rural com um perfil socioeconômico diversificado. A maior parte do alunado tem sua renda familiar através da agricultura, de um salário mínimo e das Políticas Públicas do Governo Federal e outros de pequenos serviços.

A Escola Maria Balbina Pereira é mantida pelo Governo Estadual. A organização e o funcionamento são disciplinados pelos seu Estatuto e Regimento Geral, submetidos à aprovação pelo Conselho Escolar e complementados pelas resoluções dos Órgãos Estaduais e deliberação de acordo com a legislação em vigor. O corpus da escola é composto por 04 turmas de Ensino Fundamental; 03 turmas de Ensino Médio e 02 de turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). As turmas de Ensino Fundamental e Médio funcionam no período vespertino e as turmas de EJA funcionam no período noturno.

Gráfico 1 - Porcentagem da quantidade de alunos que residem na área urbana e rural.



Como observado no gráfico acima a escola possui um total de 149 alunos. Destes, 80 residem na zona rural, e 69 residem em zona urbana, mas, apesar da localização são filhos de agricultores; ou seja, há um alto índice de alunos oriundos da zona rural.

A Maria Balbina possui uma área de 994 m², sendo apenas 514,66 m² de área coberta.

Quadro 2 - Espaço físico da escola.

Número	Descrição
01	Área Livre
02	Banheiros Masculinos
02	Banheiros Femininos
01	Secretaria Improvisada
01	Sala de Diretoria Improvisada
01	Cantina
01	Almoxarifado
01	Biblioteca com sala de Leitura
01	Sala improvisada para Professores
04	Salas de Aula para o Ensino Fundamental
03	Salas de Aula para o Ensino Médio

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola

É importante esclarecer que a sala de secretaria e diretoria apresentadas no quadro acima como improvisadas funcionam em um ambiente só. Assim como a biblioteca, sala dos professores e ainda a sala de mídia, também funcionam em apenas uma sala. É uma das dificuldades que a escola enfrenta pelo fato de os professores não terem uma sala adequada para o descanso e preparo das aulas, bem como, os alunos também não dispõem de um ambiente tranquilo para realizar suas leituras e pesquisas. Gostaria de destacar que essa foi uma das maiores dificuldades enfrentadas ao realizar as oficinas, pois por falta de espaço tivemos que utilizar a sala dos professores para realizar as oficinas e como estas aconteciam sempre após o intervalo que encerrava às 15hs e 20 min, era necessário esperar todos os professores saírem da sala de aula para então organizar a sala. Outros imprevistos também aconteceram como, por exemplo, os alunos precisavam entrar na sala para devolver ou pegar livros emprestados, ou professores precisavam entrar para pegar ou guardar algum material. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP), a Escola cujo prédio pertence à Secretaria do Estado da Paraíba e funciona com uma infraestrutura mediana, dividindo o espaço com a Escola Municipal Amara Cavalcante Vanderlei que funciona no período matutino, e, no período vespertino e noturno, funcionam as atividades da escola a nível Estadual. Esta condição é constrangedora, visto que as gestões diretivas e os funcionários são diferentes.

Atualmente a instituição conta com 14 professores em exercício que lecionam as seguintes modalidades: Ensino Médio Regular, Ensino fundamental II (6º e 9º anos), EJA – Ensino Médio e também com 08 funcionários técnico administrativo. No que se refere aos recursos financeiros Federais a mesma conta com o apoio do Programa Mais Educação (Ensino Fundamental); PNAE; PDDE, (Ensino Médio).

Gráfico 2 - Lógica de organização da intervenção/pesquisa.



O presente trabalho é de caráter qualitativo e teve como metodologia de inserção no campo a pesquisa participante na qual, tanto o pesquisador, quanto o pesquisado tem envolvimento identificando problemas, construindo coletivamente possíveis soluções para o desenvolvimento da mesma. Assim como nos confirma Borda (1983, p.43), a pesquisa participante “[...] leva em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir” citado por GIL, (2008, p.31). É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior.

Nessa perspectiva, utilizamos a abordagem do grupo focal, como instrumento de coleta de dados com as turmas de 1º, 2º e 3º ano, na perspectiva da entrevista com grupos que se baseiam na comunicação e interação.

Um grupo focal (GF) é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. É uma técnica rápida e de baixo custo para avaliação e obtenção de dados e informações qualitativas, fornecendo aos gerentes de projetos ou instituições uma grande riqueza de informações qualitativas sobre o desempenho de atividades desenvolvidas, prestação de serviços, novos produtos ou outras questões. (GOMES e BARBOSA, 1999. p.01).

Participaram das sessões um grupo de até 15 alunos. O fato de ser apenas uma pequena quantidade de pessoas justifica-se pelo fato de que todos os participantes foram instigados a interagir de forma espontânea, promovendo assim uma discussão baseada no filme assistido e relacionando-o aos conceitos sociológicos, bem como a realidade em que estão inseridos. Ou seja, o objetivo principal desta modalidade é apresentar as percepções dos alunos sobre os temas trabalhados nas oficinas.

A análise dos resultados deu-se através da análise de conteúdo, pois segundo Caregnato e Mutti (2006), AC é um conjunto de técnicas que analisa as comunicações buscando obter por meio de procedimentos a descrição do conteúdo das mensagens (quantitativas ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens. Para Bardin (1995, p. 43) a “análise de conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis”. Nesse caso, analisamos a fala dos alunos a partir dos conhecimentos prévios, realizando uma avaliação diagnóstica, ou seja, dos conhecimentos que eles já tinham sobre o conteúdo, antes da oficina, as experiências que já tinham adquirido. Depois realizamos uma avaliação formativa, buscando identificar o que eles conseguiram aprender durante a oficina e por último, a análise diagnóstica para assim diagnosticarmos se, de fato, os alunos conseguiram atingir os objetivos propostos pela oficina que é compreender os conteúdos sociológicos relacionando aos filmes que foram exibidos.

Ao final apresentaremos as conclusões sobre o desenvolvimento dos participantes do grupo no que se refere ao entendimento dos conceitos sociológicos através dos filmes de curta metragem. Daí, analisaremos se, de fato, o uso do audiovisual facilita a compreensão desses conceitos nas aulas de Sociologia.

Antes de iniciar as oficinas, buscamos compreender as seguintes regras do grupo focal:

Quadro 3 - Regras do Grupo Focal.

1	O mediador deverá fazer uma breve apresentação do filme a ser assistido com ficha técnica, chamando atenção para os pontos mais importantes, a serem destacados ao final da sessão.
2	O local para a realização da oficina deve ser um ambiente tranquilo e calmo para que os alunos não percam a atenção durante a discussão.
3	As cadeiras estavam organizadas em círculo, facilitando o contato visual entre todo o grupo.
4	As sessões duraram no máximo uma hora e meia.
5	Após a exibição, organizamos uma roda de conversa na qual os alunos foram incentivados a exporem seus argumentos com relação ao filme assistido.
6	Utilizar um roteiro elaborado com perguntas para que os alunos respondam, buscando promover uma discussão sobre a ideia central do filme relacionando-a aos conceitos sociológicos apresentados em sala de aula e direcionando o olhar do discente para o senso crítico e reflexivo sobre o meio social em que estão inseridos.
7	Após cada sessão, transcrever tudo o que foi dito pelos participantes no decorrer da oficina.

Fonte: GOMES e BARBOSA. A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos. 1999.

Assim, buscamos fazer ciência, pois a pesquisa não se realiza fora da vida social, ela não é isolada da realidade, deve estar presente no nosso dia a dia e deve ser usada como instrumento de enriquecimento do conhecimento.

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre sua própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias. (BORTONI-RICARDO, 2008 p.46)

Ou seja, é a partir do conhecimento, da experiência que os alunos compartilham em sala de aula, que o professor pesquisador pode e deve refletir sobre suas práticas a fim de aperfeiçoá-las nas aulas de Sociologia e conseqüentemente, buscar a melhor forma de didática de ensino que favoreça a aprendizagem dos educandos.

5 DIÁRIO DE CAMPO: A ESTRUTURA/EXPERIÊNCIA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Para dar início a pesquisa fui para a escola observar as aulas com o objetivo de conhecer a realidade do campo a ser estudado e também os alunos que participaram da mesma. Nesse período de aproximação com os alunos, observei as aulas de Sociologia nas três turmas (foram 4 observações em cada turma) e sempre que tinha oportunidade nos intervalos, por exemplo, conversava com os alunos sobre os temas sociológicos que mais lhes chamavam atenção. Fui convidada para participar do evento em homenagem a Jackson do Pandeiro como jurada das competições, e sempre participava das festividades da escola, aos poucos fui me aproximando dos discentes. À medida que os alunos elencavam seus temas sociológicos favoritos eu ia pesquisando os filmes que davam para trabalhar com os referidos temas nas aulas de Sociologia. Após a seleção dos filmes foi hora de preparar as oficinas.

O roteiro de entrevista do grupo focal foi preparado de acordo com a temática trabalhada no dia da oficina. O mesmo foi elaborado de modo igual para os alunos das três turmas. As perguntas tinham o objetivo de identificar o conhecimento que os alunos tinham acerca do conteúdo trabalhado, incentivando-os sempre a relacioná-lo com o meio em que vive.

Com as oficinas preparadas retornei à escola para convidar os alunos a participarem das mesmas. Visitei as três turmas de Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano) e expliquei como funcionaria as oficinas que, por sua vez, tinham que acontecer no horário das aulas devido à dificuldade de deslocamento dos alunos à escola, pois como a maioria mora na zona rural e só tinham transporte para ir à escola no horário da aula regular. Também, não era conveniente tirar todos os alunos da sala de aula, então, expliquei que apenas cinco alunos de cada turma poderiam participar e deixei na secretaria uma folha para que os interessados pudessem se inscrever, preenchendo apenas nome completo, turma e telefone. Pelo mesmo motivo também não pude estender os dias de oficinas, sendo assim, os encontros ficaram concentrados em apenas quatro dias que seriam nas quartas-feiras e sextas-feiras, mas, sempre que havia um imprevisto na escola os dias eram alterados. Também deixei no quadro de aviso, um cartaz que foi criado com o intuito de chamar atenção dos alunos para as oficinas. Para realização desta pesquisa, minha permanência na escola durou em média três meses.

Fotografia 2 - Cartaz colocado no quadro de aviso da escola.



Quadro 4 - Cena 1 - Desigualdade racial.

NOME DO FILME	Vista minha pele
SÍNTESE	Vista a Minha Pele estreou em 2008. É uma divertida paródia da realidade brasileira. Serve de material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala-de-aula. Nesta história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são Alemanha e Inglaterra, enquanto os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique. Maria é uma menina branca, pobre, que estuda num colégio particular graças à bolsa-de-estudo que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira nesta escola. A maioria de seus colegas a hostilizam por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade.
CATEGORIAS SOCIOLÓGICAS	<ul style="list-style-type: none"> •Preconceito, Discriminação e Segregação; •Raça, racismo e etnia;
SUGESTÕES	Promover uma conversa resgatando o conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto. Apresentar a síntese do filme “Vista Minha Pele” e em seguida, exibi-lo para a turma. Depois pedir que os alunos destaquem oralmente as cenas que consideram importantes e que podem ser relacionadas à temática trabalhada. Logo após, apresentar as categorias sociológicas e discuti-las com a turma. Ao final, solicitar que os alunos produzam seu próprio filme, relacionando as categorias sociológicas trabalhadas na sala de aula. Para essa temática é interessante trabalhar as teorias dos sociólogos: Gilberto Freire, Florestan Fernandes.
REFERÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> •Sociologia em Movimento. - 1ed. – São Paulo: Moderna, 2013. Vários autores. Componente Curricular: Sociologia. (Ensino Médio). • Machado, Igor José de Renó... [et al]. Sociologia Hoje: volume único: ensino médio. -1ed- São Paulo: Ática,2013. • OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Sociologia para jovens do século XXI. 1968-4 ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio,2016.

Fotografia 3 - Primeiro dia de oficina.



Fonte: Acervo pessoal.

No primeiro dia apenas dez alunos estavam presentes na sala. Inicialmente, me apresentei para a turma dizendo quem sou, o que faço e porque estou ali. Expliquei que a fala dos participantes seria gravada e perguntei se teria algum problema. Todos disseram que não. Em seguida, fiz um levantamento prévio dos alunos sobre o conhecimento que eles tinham com relação ao tema a ser trabalhado perguntando qual era a concepção deles sobre desigualdade racial:

Aluno A: “Quando uma pessoa negra é excluída”.

Aluno B: “Quando ninguém senta perto dela na escola...e não fica na hora do recreio”.

Aluno C: “Quando ninguém gosta daquela pessoa só porque ela tem a cor diferente da pessoa”.

Essas foram algumas das respostas apresentadas pelos alunos sobre desigualdade racial.

Depois pedi que realizássemos uma leitura coletiva do texto *Desigualdade Racial*, adaptado do livro para o Ensino Médio (*Sociologia em Movimento*, 2013) abordando os conceitos de Florestan Fernandes e Gilberto Freire. Nesse momento, percebi que um aluno cutucava o outro e dizia: eu não te disse que não era só filme? Eu disse que ia ter aula também! – Daí eu pensei! – Eles não virão no próximo encontro porque acharam que era só filme! Mas, fingi que não ouvi e continuei... Após a leitura realizamos uma discussão correlacionando a visão dos autores trabalhados com a nossa realidade. Daí, apresentei para a turma a ficha técnica do filme que seria exibido *Vista minha pele*, um curta metragem

produzido em 2008, com duração de 27 minutos. O mesmo relata uma história invertida na qual os negros são a classe dominante e os brancos que foram escravizados, contando a história de Maria uma menina branca que sofre preconceito no colégio em que estuda. É importante destacar que o fato de o filme trazer um contexto parecido com o deles que é dentro da sala de aula, os chamou atenção a situações parecidas que já viram ou vivenciaram no dia a dia e por esse motivo esses alunos puderam se ver nessa história.

Terminada a exibição do audiovisual, incentivei os alunos a falarem sobre o que assistiram e quais as cenas que podiam ser relacionadas ao tema trabalhado bem como os teóricos apresentados. Iniciei perguntando como podemos definir desigualdade racial? E a maioria dos alunos responderam que era exclusão e discriminação. Alguns deram alguns exemplos para relacionar o conceito ao filme:

Aluno A: “é... não seria parte interessante do filme, mas que todo mundo tava discriminando-a, a Maria, mas ela continuou ali e se fez disposta a ganhar”.

Aluno C: “O filme mostra um pouco da nossa realidade aqui na escola a gente vê isso também”.

Podemos perceber que os alunos conseguem se ver na história apresentada pelo filme. Questões como desigualdade, exclusão, empoderamento, gênero, são assuntos que fazem parte da realidade do aluno e que podem ser vinculados ao currículo escolar de forma contextualizada. Quando o aluno consegue relacionar a teoria a sua realidade, a aprendizagem acontece de forma satisfatória e significativa, na qual, o aluno se torna sujeito do seu próprio conhecimento e não só receptor de informações.

É possível propiciar a educação um espaço de criação, invenção e significações, pois o cinema visto como arte na escola e pela ótica do imaginário social pode potencializar a percepção, a relação de sentidos e significados construídos sobre o cinema envolvidos no processo (TEIXEIRA,2017, p.143).

A realidade do aluno pode ser usada para introduzir conceitos de vários conteúdos, basta que o professor busque estratégias que estimulem o discente a aprender através de seu cotidiano e construa seu próprio saber. Segundo Silva (2007) citado por Medeiros (2016) o espaço da sala de aula deve ser privilegiado de aprendizagens mutuas, ousadas e ressignificações. Perguntei também se eles concordavam com as teorias apresentadas sobre a questão do racismo:

Aluno A: “Nós somos todos iguais. Isso é fato. Mas no segundo ponto, eu concordo sim. No Brasil, existe discriminação! Eu concordo com... Florestan Fernandes”.

Outra aluna respondeu:

Aluno D: “Eu acho que o país da gente mesmo consente porque a gente pensar que falamos que... somos contra o racismo e tal, mas existe uma discriminação por parte de algumas pessoas e para essas pessoas é mais difícil deles conseguir ingressar em alguma coisa de fazer uma faculdade ou um concurso alguma coisa né”.

Com base nas respostas destacadas, podemos compreender que os alunos conseguiram entender o que é a desigualdade racial e como ela se apresenta em nosso país. Foi uma discussão bastante proveitosa na qual os alunos puderam expor suas opiniões e discordar ou concordar com os respectivos teóricos, bem como desenvolvendo o senso crítico acerca da temática. Ao final da oficina, quantos todos saíram fui organizar a sala, enquanto isso, um aluno retornou, e me disse: “*vim lhe dar um abraço e lhe dizer que sua aula foi maravilhosa!*”. Me abraçou e foi embora. Diante do exposto, podemos perceber o quanto é importante que os alunos sejam participativos nas aulas, e sintam-se atuantes do processo de ensino/aprendizagem.

Quadro 5 - Cena 02 - Desigualdade social.

NOME DO FILME	BMW Vermelho
SÍNTESE	Uma comédia nacional de 19 minutos, estreou no ano de 2000. Relata a história de uma família humilde que recebe um verdadeiro presente de grego: um carro de luxo, que não pode ser vendido por dois anos. Para piorar a situação, ninguém sabe dirigir. O tempo passa, e o automóvel acaba tendo usos bastante inusitados.
CATEGORIAS SOCIOLOGICAS	<ul style="list-style-type: none"> • Desigualdade Social; • Classes Sociais; • Dominação Social; • Estratificação Social
SUGESTÕES	Iniciar com uma conversa sobre o tema, investigando sobre quais os conhecimentos que os alunos têm sobre o mesmo. Em seguida, explorar as categorias e discutí-las com a turma. Depois, apresentar a síntese do filme e logo após exibi-lo. Ao final, o professor deverá ter um questionário elaborado que poderá direcionar o debate, instigando os alunos a relacionarem o filme às categorias sociológicas apresentadas. Para trabalhar os conceitos é interessante trabalhar com os teóricos Max Weber; Karl Marx.
REFERÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> • Sociologia em movimento1. ed.-São Paulo: Moderna,2013. Vários autores; Componente curricular: Sociologia. • ARAÚJO, Silva Maria de; Sociologia: Volume único: ensino médio/Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi, BenildeLenzi Motim. Sociologia. volume único 2. ed São Paulo: Scipione,2016. • Tomazi, Nelson Dacio. Sociologia para o ensino médio; 2.ed. São Paulo: Saraiva,2010. • Sistema de Ensino Poliedro Preparatório para ENEM,1. ed. poliedro 2012.

Fotografia 4 - Segundo dia de oficina.



Fonte: Arquivo pessoal.

No segundo dia de oficina estavam presentes dezesseis alunos, seis alunos a mais que no primeiro dia. Fiquei surpresa! Iniciamos a oficina com uma conversa sobre os conhecimentos que os alunos já tinham sobre o assunto. Perguntei se eles sabiam o que é desigualdade Social, por exemplo, e percebemos nas respostas que os alunos sabiam do que se tratava, mas, sentiam-se inseguros ao responder. Destaco aqui algumas respostas apresentadas:

Aluno E: “Desigualdade social, assim...eu acho, na minha opinião, é uma pessoa que não tem é... como é que eu posso dizer” ...

Aluno D: “Melhores condições”?

Aluno A: “É que, as outras, entendeu? Na sociedade não tem assim, é... as mesmas condições, o mesmo poder que tem de tá na sociedade né, tem gente que tá fora da sociedade”.

Aluno C: “Eu acho que existe vários tipos de desigualdade social, acho que tem também da sexualidade, porque também, de certa forma o gênero da pessoa expõe diante da sociedade, quando ela sai do padrão da sociedade, ela é vista de outra forma...Ela é excluída da sociedade, né”.

Questionei ainda se eles conseguiam identificar a desigualdade social em nossa região, especialmente no lugar em que nós vivemos e eles responderam:

Aluno E: “Tem a desigualdade cultural também, pessoas que vem de outros países, de outras cidades aí” ...

Aluno D: “É, da cor”.

Aluno F: “Do jeito, da maneira de se comportar”.

Aluno G: “Do jeito de se expressar, da linguagem, da fala.”

Após essa discussão, fizemos a leitura do texto Desigualdade Social, retirado e adaptado dos livros didáticos (Sociologia em Movimento, 2013) e Sociologia (sistema de Ensino Poliedro Preparatório para ENEM, 2012) no qual, utilizamos as teorias dos Sociólogos Karl Marx e Max Weber sobre a temática trabalhada na oficina.

Discutimos o texto, e depois lhes apresentei a ficha técnico do curta metragem BMW Vermelho, curta brasileiro, produzido no ano de 2000 e com duração de apenas 19 minutos. Depois da exibição do filme, os alunos foram provocados a expor suas percepções acerca do mesmo relacionando-o aos conceitos sociológicos apresentados. Perguntei se podíamos relacionar o filme a algum conceito sociológico trabalhado no filme e os alunos responderam que:

Aluno E: “Sim...o de Weber.

No sentido de quê, quem denomina é... o que tá denominando ele é a sociedade, na favela, no filme”.

Aluno H: “No caso deu tipo um status a ele.

Só pelo fato dele ter uma BMW, vermelha.

E era o carro do ano”.

Aluno I: “É igual a gente tá na rua e passa uma hyllux pela gente, a gente vai pensar que essa pessoa tá bem de vida”.

Aluno A: “No conceito de weber como ele mesmo diz, classifica os indivíduos em estrutura de classe alta, mas também pelo status, prestígio e o poder. Para weber o indivíduo não basta possuir riqueza se não for atribuído a ele nem prestígio. Naquele momento ele não tinha nem riqueza, porém, ele teve o prestígio de ter ganhado a BMW, o que levou ele a ter um status maior que os seus vizinhos diante da comunidade”.

Os discentes conseguem relacionar a teoria de Weber ao filme do mesmo modo que encontram situações do cotidiano para exemplificar esses conceitos:

Aluno D: “A gente é um exemplo né? Porque a gente estuda numa escola pública, enquanto as pessoas daqui da região que tem mais condição né, eles geralmente estudam em escola particular”.

Aluno L: “Tem também a questão da saúde porque as vezes um pobre precisa de fazer um exame aí é caro aí ele não tem condições de ... aí ele vai e... ou assim mesmo no momento que ele vai na chegada já tem uma fila de espera longa. E se for um rico que chegar assim num canto e oferecer uma quantidade de dinheiro! Vai mais rápido! Porque não pode né? Eu acho isso muito injusto! Só porque ele tem dinheiro, tem ótimas condições, não significa que ele tem que ser diferente dos pobres né? Dá pra relacionar com o que Weber diz”

Aluno F: “Entre aspas assim, quando ele tava por cima, todo mundo tava com ele, aí foi depois quando o carro se acabou ninguém queria saber dele.

É igual as amizades de hoje, que são amizades por status social”.

Os alunos sabiam falar sobre a temática “desigualdade social”, mas ainda não tinham conseguido relacioná-la a teoria do sociólogo Weber, e o filme facilitou esse processo de inter-relação, contribuindo para uma aula dinâmica e proporcionando ao aluno entendimento sobre o assunto. Segundo Silva, (2007) “o filme nos atrai, não pela ficção, mas pelo que ele tem de real, e retrata aspectos da nossa realidade”. O filme nos permite sentir emoções, formar opiniões sobre determinado assunto. Para Costa, (2004, p.103):

Essa capacidade de nos extasiarmos e de refletirmos é que dá ao cinema, e a ficção em geral, um alto valor educativo – há um “sequestro” dos nossos sentidos, mas também experiência e conhecimentos novos que possibilitam reflexão, planejamento e avaliação da vida.

Compreendemos que são outros modos de ler e perceber a realidade, que podem de forma crítica e reflexiva tornar o aluno apto a atuar no meio social em que vive, procurando transformá-la em busca de melhorias políticas, sociais e econômicas. Trabalhar com filme na sala de aula ajuda o aluno nesse processo de construção pessoal e coletiva.

Após a discussão apresentada, encerramos o 2º dia de oficina.

Quadro 6 - Cena 3 - Trabalho.

NOME DO FILME	A Classe Operária Vai ao Paraíso
SÍNTESE	O filme A classe Operária Vai ao Paraíso, tem como cenário a Itália da década de 1970, e restringe sua análise a forma de produção exercida pelos trabalhadores nas fábricas de peças, e as consequências desse trabalho mecanizado e desumano. Para tecer tal discussão, o enredo se passa em face da história do personagem principal Ludovico Massa, o mesmo tinha o apelido de Lulu e era chamado pelos seus companheiros de trabalho por Massa. O filme propõe uma análise de sua vida como operário e os reflexos dos movimentos repetitivos a ponto de ser considerado uma máquina, um escravo do sistema. Adorado por seus superiores por ser um trabalhador extremamente dedicado e pelo mesmo motivo era odiado por seus colegas, Lulu vive entregue aos sonhos de consumo da classe média, alienado em meio aos movimentos de protesto de sua classe, até que um acontecimento põe em xeque suas opiniões.
CATEGORIAS SOCIOLÓGICAS	<ul style="list-style-type: none"> • Conceito de trabalho; • O trabalho na concepção de Marx; • O trabalhador e o trabalho no mundo atual; • Diferenças no trabalho; • Tecnologia, trabalho e mudanças sociais; • Força de trabalho e alienação; • Taylorismo, Fordismo e Toyotismo; • Mais valia; • Fetichismo; • Alienação; • Sistema Capitalista;
SUGESTÕES	Iniciar resgatando os conhecimentos dos alunos sobre a temática abordada. Trabalhar as categorias apresentadas. Em seguida, apresentar a síntese do filme para os alunos e depois exibí-lo. Após a exibição, pedir que os alunos identifiquem os conceitos nas cenas visualizadas, provocando, assim, um debate sobre o assunto. É interessante que o professor tenha um questionário já pronto que o auxilie a direcionar esse debate. Por último, sugerir aos alunos que produzam um curta metragem cuja temática deve estar relacionada às categorias abordadas em sala de aula. Na oficina optamos por trabalhar apenas com Karl Marx, devido à complexidade do assunto. Porém, sugerimos fazer uma relação com Durkheim e Weber.
REFERÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> • Sociologia em movimento 1. ed.-São Paulo: Moderna,2013. Vários autores; Componente curricular: Sociologia. • Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi, Benilde Lenzi Motim. Sociologia. Volume único. 2.ed São Paulo: Scipione,2016. • Sistema de Ensino Poliedro Preparatório para ENEM,1. ed poliedro 2012.

Fotografia 5 - Terceiro dia de oficina.



Fonte: Arquivo pessoal

A oficina teve início resgatando os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática trabalho. E a pergunta inicial que fiz foi: o que é trabalho? E os alunos responderam:

Aluno E: “É uma ocupação”?

Aluno D: “Pode ser uma ocupação remunerada”!

Aluno I: “Uma forma de ajudar também né as pessoas”.

Aluno C: “É uma forma de obter dinheiro para conseguir alguma coisa”.

Em seguida pergunto o que é mais valia na teoria de Karl Marx. Ninguém respondeu, todos ficaram em silêncio. À medida que fui expondo as teorias do Sociólogo, perguntei se eles já tinham ouvido falar sobre o feticismo e os alunos responderam que não. Daí, pedi que cada um lesse em voz alta um parágrafo do texto cujo título era, “O Trabalho”, adaptado do livro Sociologia (Sistema de Ensino Poliedro preparatório para ENEM, 2012) e Sociologia- (Ensino Médio, 2016) De acordo com a leitura, eu ia chamando atenção dos alunos a identificar os pontos principais da teoria de Marx sobre o tema em questão.

Depois, apresentei-lhes a ficha técnica do filme *A Classe Operária vai ao Paraíso* e em seguida, assistimos ao filme. É importante mencionar que o audiovisual apresentado desta vez, é um longa-metragem com duração de quase duas horas, e devido o pouco tempo disponível para a oficina e principalmente para facilitar o entendimento dos alunos, tive que

fazer recortes das cenas mais importantes da obra em um aplicativo chamado *viva vídeo* deixando-o em 40 minutos de duração.

Após o filme, iniciamos o debate. Os alunos foram instigados a relacionar os temas do filme à teoria sociológica abordada anteriormente. Gostaria de destacar que, embora eu tenha preparado um texto e discutido antes do filme, sobre as teorias de Karl Marx sobre o tema trabalho, os alunos tiveram muita dificuldade em relacionar o conteúdo ao filme. Na discussão, abordaram os conceitos sociológicos, porém, estes foram expostos no senso comum, pois os alunos não tiveram o conhecimento dos mesmos nas aulas de Sociologia e consequentemente, não tinham bagagem para tratar sobre o conteúdo considerando ainda, que são teorias bastante complexas, e uma oficina de apenas 01:30 min. não é suficiente para que eles aprendam esses conceitos.

Vejamos a seguir a fala de uma aluna que abordou o conceito de mais valia relativa, mas sem mencionar tal conceito:

Aluno B: “Mas ao mesmo tempo que existe as leis e que os trabalhadores de hoje manejam essas máquinas menos pesadas né? Não são máquinas pesadas como antigamente, são máquinas mais flexíveis, mesmo assim ainda há uma forma de fazer com que o trabalhador produza mais”.

Podemos perceber que quando a aluna cita as “máquinas *mais flexíveis*”, ela refere-se às tecnologias introduzidas no processo de trabalho que permitem o aceleração da produção em menos tempo. Nesse caso, ela nos traz o conceito de mais valia relativa, pois segundo Tomazi (2010, p.46):

Introduzem diversas tecnologias e equipamentos visando aumentar a produção com o mesmo número de trabalhadores (ou até menos), elevando a produtividade do trabalho, mas mantendo o mesmo salário, gerando assim, a mais valia-relativa.

Nesse caso quando ela fala [...] “*mesmo assim ainda há uma forma de fazer com que o trabalhador produza mais*”, ela refere ao investimento de tecnologias para fazer com que o trabalhador produza mais. No entanto, ela traz esse conceito com suas palavras sem mencioná-lo. Perguntei se eles sabiam identificar quem é proletário e burguês na localidade em que eles moram:

Aluno H: “Existem casos que tem os donos de terra lá e tem as casas e colocam os trabalhadores pra morar na casa eu acho que ali é uma exploração porque ele vai tá ali cuidando direto e o patrão lucrando direto”.

Na resposta apresentada está claro que o aluno dá o exemplo, mas refere-se aos donos da terra que no caso seria o burguês e os trabalhadores que se referem ao proletário. O aluno também fala da exploração, ou seja, a questão da alienação, na qual o trabalhador mora na fazenda gera renda no processo de produção, mas quem se apropria com a maior parte dela é o burguês, ou seja, é o patrão. Observem outro exemplo:

Aluno C: É as férias e o fim de semana é de domingo a domingo. E geralmente quando os patrões tã na residência, né eles mandam mais ainda, pedem para fazer mais coisa.

Quando o aluno fala que o trabalhador ou no caso o proletário trabalha de domingo a domingo. Ela enfatiza o conceito de alienação ou ainda de fetichismo. Assim como nos diz Sell (2010, p.64) “em vez da produção estar a serviço do homem, é o homem que se encontra dominado pela produção”. No entanto, percebemos que em suas respostas os alunos apresentam muitos exemplos da própria realidade. O que nos mostra que é possível fazer essa relação de real e ficção.

Essa capacidade de nos extasiarmos e de refletirmos é que dá ao cinema, e a ficção em geral, um alto valor educativo- há um “sequestro” dos nossos sentidos, mas também experiência e conhecimentos novos que possibilitam reflexão, planejamento e avaliação da vida. (COSTA,2013, p.103)

Podemos afirmar que é extremamente importante que o aluno se identifique, conheça sua própria história e a história do outro, e o audiovisual pode proporcionar essa experiência ao aluno. Nesse caso, é necessário, trabalhar bem as teorias sociológicas para que os alunos tenham facilidade de assimilar o conteúdo ao contexto do filme. O professor poderá organizar as aulas de acordo com a necessidade da turma e a complexidade do assunto. Dessa forma, os alunos não sentirão tanta dificuldade em fazer essa relação teórica com a ficção e realidade.

Quadro7 - Cena 4 - Família/Instituição Social.

NOME DO FILME	Vida Maria
SÍNTESE	O filme “Vida Maria” é um projeto premiado no 3º “Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo”, realizado pelo Governo do Ceará. O curta metragem mostra personagens e cenários modelados com texturas e cores pesquisadas e capturadas no sertão Cearense, no Nordeste do Brasil, criando uma atmosfera realista e humanizada. O mesmo conta a história de Maria José, uma menina de 5 anos de idade, é obrigada a largar os estudos para trabalhar. Enquanto trabalha, ela cresce, casa, tem filhos, envelhece.
CATEGORIAS SOCIOLOGICAS	<ul style="list-style-type: none"> • A família como instituição social; • As configurações da família;
SUGESTÕES	Investigar sobre quais os conhecimentos que os alunos já têm sobre a temática abordada. Trabalhar as categorias apresentadas. Em seguida, apresentar a síntese do filme para os alunos e depois exibí-lo. Após a exibição, pedir que os alunos identifiquem os conceitos nas cenas visualizadas, provocando assim, um debate sobre o assunto. Utilizar um questionário que auxilie o professor a direcionar esse debate. Finalmente, solicitar a turma que produzam um curta metragem cuja temática deve estar relacionada às categorias abordadas em sala de aula. Os Sociólogos abordados foram Émile Durkheim e Pierre Bourdieu.
REFERÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> • Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi, Benilde Lenzi Motim. Sociologia. Volume único. 2.ed São Paulo: Scipione,2016. • Sistema de Ensino Poliedro Preparatório para ENEM,1. ed poliedro 2012. • Tomazi, Nelson Dacio. Sociologia para o ensino médio; 2.ed. São Paulo: Saraiva,2010.

Fotografia 6 - Quarto dia de oficina.

Fonte: Arquivo pessoal

Último dia de oficina: iniciei perguntando o que é família e os alunos responderam:

Aluno H: “União e amor”

Aluno A: “Normalmente não é união e amor, porque nunca é aquela união completa sempre tem discussão no meio. Então família é tudo aquilo que preenche um espaço, um espaço não num lugar e sim entre as pessoas. Uma pessoa que ajuda umas às outras na família e tão... fora também porque família não é aquela que tá em casa, mas aqui também. A gente tá em uma família”.

Aluno D: “Estar sempre com a gente ne? porque a gente sozinho não é uma família”.

Os alunos conseguem exemplificar o que é família, e principalmente, compreendem que família não é só aquela que faz parte do grupo sanguíneo, mas que na escola também podemos formar uma família. Porém, quando pergunto o que é *instituição social*, eles sentiram dificuldade para responder. Vejamos:

Aluno D: “A senhora arrumou o pior tema no último dia o pior que ninguém está sabendo responder”

Aluno C: “Estamos boiando Maicon”.

Aluno H: “tipo... o abrigo? Quando os idosos estão sozinhos aí colocam no abrigo? Aí as pessoas tomam conta”.

Nesse caso, eles não assimilam a família como instituição social, para esses alunos família relaciona-se apenas a questão de parentesco (pai, mãe, irmãos, avós, entre outros). Ou seja, eles não compreendiam que família também é considerada uma instituição. A última resposta nos esclarece que na concepção dos alunos instituição é qualquer órgão público como o abrigo, por exemplo. Isso ocorre porque eles ainda não tinham conhecimento sobre o assunto. Quando lhes perguntei se já tinham ouvido falar sobre esse termo nas aulas de sociologia, a maioria respondeu que não. Depois fizemos a leitura coletiva do texto “A família enquanto instituição Social” extraído e adaptado do livro *Sociologia para o Ensino Médio*; TOMAZI, (2010). Em seguida, os alunos foram instigados a refletirem sobre o texto, enquanto eu apresentava para eles os conceitos dos sociólogos Émile Durkheim e Pierre Bourdieu, com relação à família enquanto instituição.

Depois, apresentei-lhes a ficha técnica do curta metragem *Vida Maria* de apenas 09 minutos. Então, assistimos ao filme. Após a exibição, pedi que os alunos socializassem o que entenderam do filme relacionando as teorias apresentadas bem como ao conceito de instituição social. Observe as respostas a seguir:

Aluno C: “É porque assim né? Na vida a gente vai ter vários tropeços e nesses tropeços a gente tem que aprender né a não repetí-los novamente. É aí que a instituição família tenta né? Ensinar em casa”.

Aluno J: “Que a sociedade prevalece sobre o indivíduo dispondo de certas regras, normas e costumes que asseguram sua convivência, sua ótima convivência com a sociedade”.

Aluno D: “A família é pra preparar a gente pra lá pra fora né”?

Mediante as respostas apresentadas, podemos perceber que após o filme os alunos já conseguiram compreender que a família também é uma instituição que nos impõe regras, normas, costumes entre outros. No entanto, ainda não conseguem tratar os conceitos dos teóricos com segurança. Mesmo assim, deram vários exemplos das regras estabelecidas por suas famílias, principalmente seus pais e até mesmo compararam as famílias de antigamente com os dias atuais:

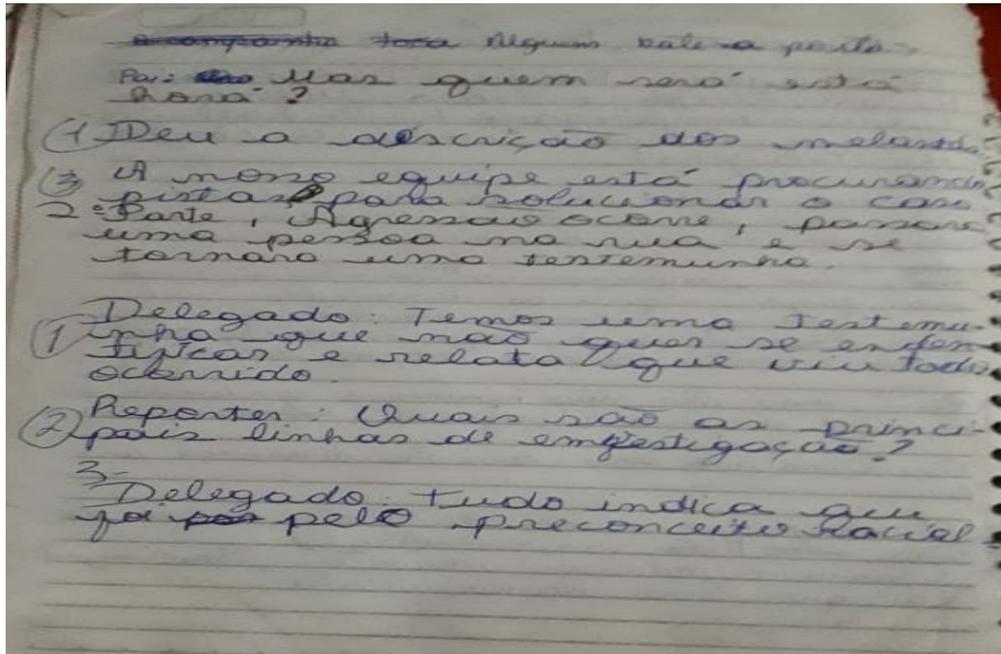
Aluno C: “Obedecer professores, não responda, não saia do colégio, não atravesse a pista, não pegue briga, não compre e deixe fiado. São regras né? Assim, as mulheres inclusive eu, (risos) eu tiro ração. Igi eu sou uma prova viva”.

Aluno F: “Meu pai falou para mãe que antes não queria deixar ele estudar queria deixar ir para o trabalho, foi uma luta pra ele ir pra escola e ainda hoje ele não é..... sabe ler sabe escrever, mas não é aquela coisa sabe”.

São exemplos que nos trazem a clareza de que eles conseguem se ver ou ver seus pais no filme. Esse é um fator de grande importância, pois, quando é uma temática que está dentro de sua realidade o aluno tem facilidade de assimilar os conceitos trabalhados. Para Sousa (2015, p.52) “o cinema é[...] uma possibilidade de instigar o educando a refletir, registrar e criar suas impressões sobre aquilo que o cerca”. Assim, observar, interpretar e experienciar filmes na sala de aula permitem ao aluno retratar seu dia a dia.

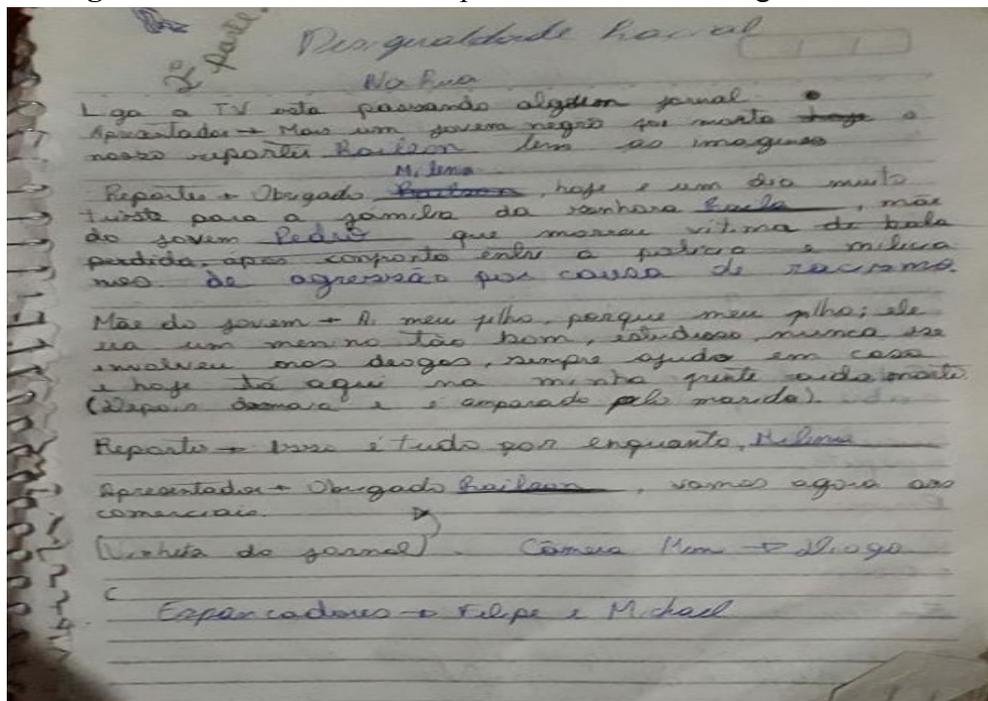
Após quatro dias de oficina, os alunos tiveram duas semanas para a escrita do roteiro, gravação e edição do filme. Algumas partes do roteiro foram seguidas e outras foram improvisadas na hora da gravação. Os alunos decidiram abordar no filme, os quatro temas trabalhados durante as oficinas. As tarefas foram divididas, cada um dizia o que ia fazer. Quem ia ser personagem, quem ia filmar, tinha até o diretor do filme!

Fotografia 7 - Roteiro elaborado pelos alunos sobre desigualdade racial.



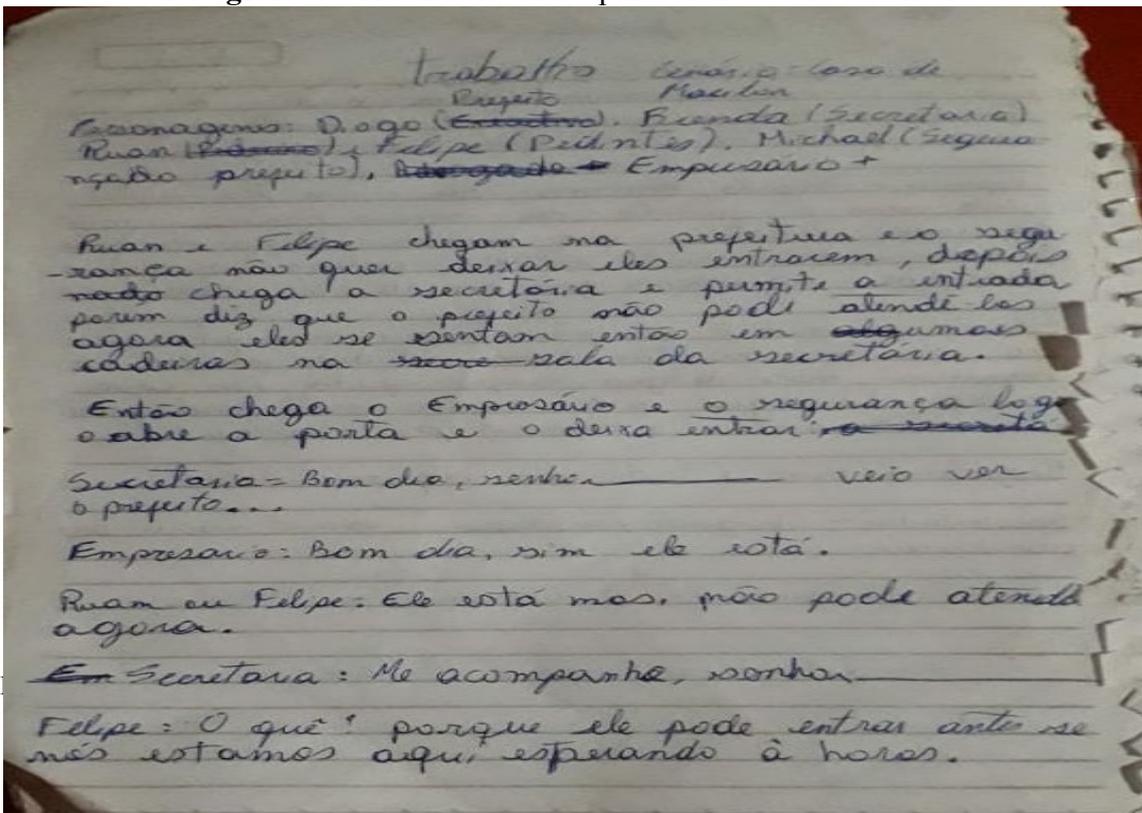
Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 8 - Roteiro elaborado pelos alunos sobre desigualdade racial.



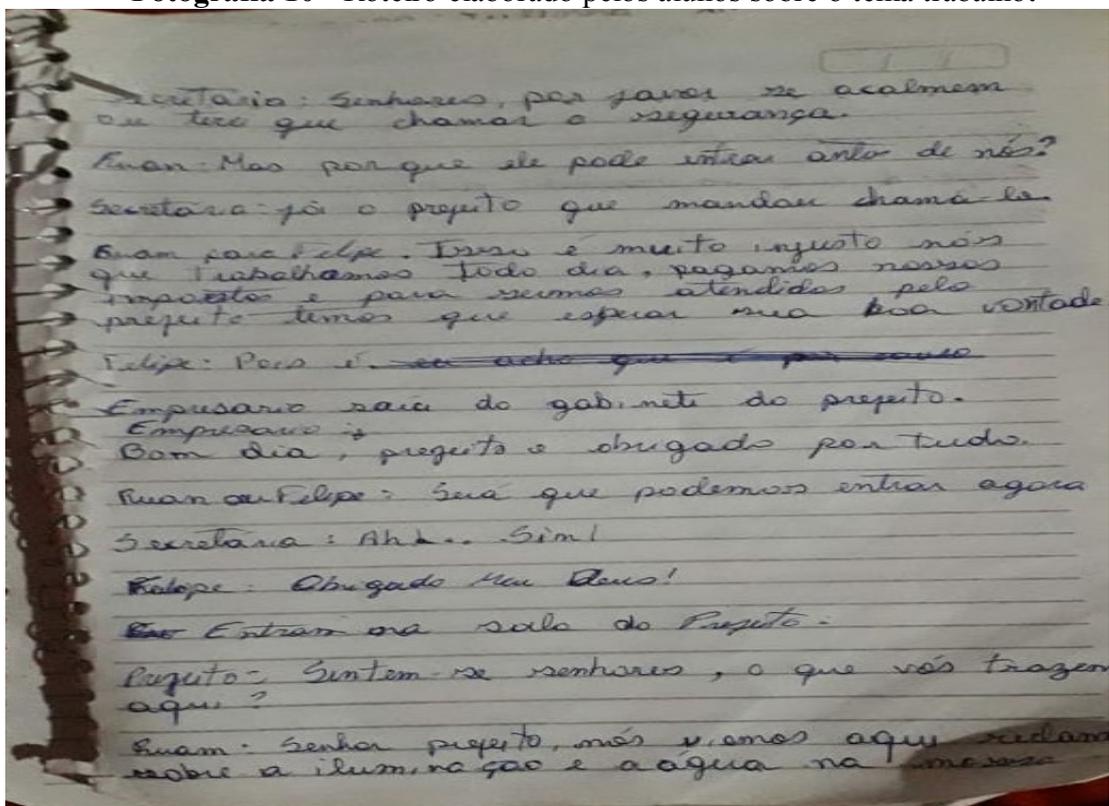
Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 9 - Roteiro elaborado pelos alunos sobre o tema trabalho.



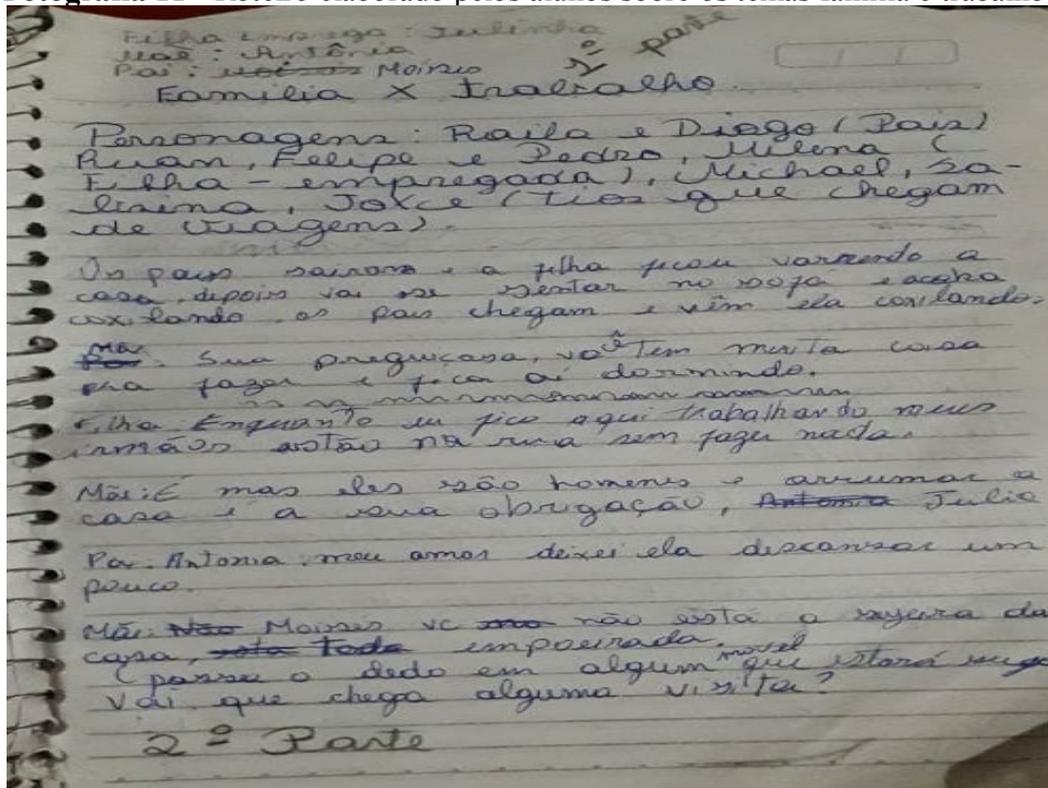
Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 10 - Roteiro elaborado pelos alunos sobre o tema trabalho.



Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 11 - Roteiro elaborado pelos alunos sobre os temas família e trabalho.



Fonte: Arquivo pessoal.

Depois do roteiro pronto, marcamos o dia da gravação. Quando cheguei à escola para acompanhar as gravações, os alunos já tinham pensado em tudo, já tinham falado com o dono de uma casa e de uma lanchonete que ficava perto da escola para que as filmagens acontecessem lá. E deu tudo certo. As gravações acontecerem em apenas dois dias, sempre após o intervalo, pois os alunos saíam da escola para realizar o trabalho. Foi prazeroso observar o empenho para que tudo ocorresse como o esperado! Gostaria de relatar aqui, sobre o desenvolvimento de um aluno que no início das oficinas se mostrava bastante tímido, só se pronunciava quando eu lhe fazia alguma pergunta, e mesmo assim com muita timidez. Mas, no decorrer dos nossos encontros ele foi se soltando aos poucos e para surpresa de todos, no dia que os alunos foram filmar na lanchonete, ele fez um dos principais personagens que era o patrão. De acordo com seus colegas, ele mal falava durante as aulas na escola. Daí, percebemos que as oficinas o ajudaram a perder um pouco dessa timidez perante seus colegas de sala, pois assim como nos diz Libâneo (2013, p.107), [...] “o professor deve ter em mente a formação de personalidade dos alunos, não somente no aspecto intelectual, como também nos aspectos moral, afetivo e físico”. Ou seja, o professor não pode se preocupar somente em transmitir o conhecimento, mas principalmente, considerar o interior do aluno e incentivá-lo,

a desenvolver atividades que estimulem seu desenvolvimento e conseqüentemente sua formação enquanto indivíduo.

5.1 GRAVANDO!!!

Fotografia 12 - Cena 01. Gravação sobre a temática desigualdade racial.



Fonte: Arquivo Pessoal

A foto acima nos mostra sobre o momento de gravação sobre a temática Desigualdade Racial. A história se passa na sala de aula, onde o professor pede que os alunos se dividam em grupos para a realização de um trabalho. Os alunos formam grupos, mas ninguém quis se juntar a uma menina da sala pelo fato de ela ser negra. Diante da situação, o professor aproveita a ocasião para conversar com os alunos e conscientizá-los sobre o preconceito racial. Os alunos relataram que situações como essas infelizmente são comuns na sala de aula e queriam conscientizar os colegas da escola mostrando que atos como esses podem causar sérios problemas.

Fotografia 13 - Cena 02. Momento de gravação sobre a temática Desigualdade Social.



Fonte: Arquivo pessoal

Esta foto retrata a cena em que dois homens que trabalhavam como garis chegaram até a prefeitura para falar com o prefeito da cidade. A secretária apresentou-se dizendo que no momento o prefeito não poderia lhes atender e que se eles quisessem poderiam entrar, e ficar à vontade para esperar. Enquanto isso, um famoso e riquíssimo empresário sem precisar ser anunciado entrou e foi direto para a sala do prefeito. Ao ver, o empresário passar na frente, os dois trabalhadores que ali esperavam começar a questionar sobre seus direitos para a secretária que pediu que se acalmassem, pois logo o prefeito os atenderia. Mas não foi o que aconteceu, em poucos instantes, o prefeito avisou que teria que sair e não poderia atender os trabalhadores. Os dois foram embora revoltados. Nesta cena, os alunos tiveram como objetivo retratar a questão da Desigualdade Social, abordando a forma como os ricos e os pobres são vistos pela sociedade.

Fotografia 14 - Cena 03. Gravação sobre a temática Trabalho.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nessa cena, os alunos interpretam a história de três funcionários que trabalham pesado em um restaurante e são mal remunerados. Ambos resolvem pedir aumento para o patrão, que por sua vez, nega o pedido alegando que os mesmos recebem bem pelo que produzem. Nessa cena, os alunos buscaram mostrar como os trabalhadores são explorados pelo patrão, retratando ainda a questão da mais valia.

Fotografia 15 - Cena 04. Gravação sobre Família / Instituição Social.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A foto acima retrata uma das cenas em que os alunos gravaram sobre a temática Família/ Instituição Social. Quatro alunos fazem a encenação de uma família extremamente preconceituosa e tradicional. A história se passa em uma sala onde a filha do casal está na mesa estudando, e seus dois irmãos descansando, em seguida seus pais chegam e mandam ela ir fazer os afazeres de casa. Enquanto seus dois irmãos, sem obrigação nenhuma, saem para ir jogar bola e os pais vão à rua. Mais tarde, quando seus pais retornam para casa, encontram a filha sentada junto com os dois irmãos na sala. Porém, apenas a menina é chamada atenção por não ter terminado os serviços domésticos. A filha se revolta, e questiona os pais pelo fato de só ela ter obrigação de realizar os trabalhos da casa, enquanto seus irmãos não ajudam em nada. Ao planejar essa cena, os alunos tiveram a intenção de mostrar como infelizmente, ainda vivemos em uma sociedade machista e preconceituosa, na qual, os serviços domésticos ainda devem ser organizados apenas pela mulher. É importante mencionar que durante as entrevistas realizadas nas oficinas, os alunos relataram situações como essas em suas casas. Principalmente as meninas, alegaram que seus irmãos não são ensinados a ajudar em casa e que por isso gostariam de retratar a discussão no curta, para assim conscientizar os próprios colegas na escola. Compreendemos que esses alunos além de terem se fundamentado nas teóricas sociológicas, se inspiraram principalmente em sua realidade para produzir o curta metragem. Por esse motivo compreendemos a relevância de trabalhar de forma contextualizada, promovendo assim, um vínculo entre conteúdos curriculares à realidade do aluno, direcionando-os a um novo olhar.

Ao término das gravações, os alunos tiveram alguns dias para editar o vídeo que teve duração de sete minutos e vinte segundos. E então... tudo pronto! Marcamos nosso último encontro, desta vez, para assistirmos ao filme produzido por eles mesmos. A expectativa foi grande, todos queriam assistir ao filme pronto. Marcamos no mesmo horário, após o intervalo. A diretora e professora da disciplina de Sociologia foram convidadas a assistir conosco. O intervalo mal acabou e os alunos já estavam na sala, juntos organizamos o espaço. Tudo pronto. Chegou o tão esperado momento! Enfim, assistimos ao filme. Os alunos expuseram suas opiniões sobre o filme apontando o que ficou bom e o que poderia melhorar, assim como também parabenizaram alguns colegas. Foi um momento bastante produtivo. Gostaria de mencionar que foi motivador ver a alegria dos alunos ao assistir ao próprio filme. Ao final, encerramos com uma confraternização.

Fotografia 16 - Último encontro do Cine Sociológico.



Fonte: arquivo pessoal

6 REFLEXÕES, PROPOSTAS E ENSINAMENTOS

Uma das maiores dificuldades encontradas para a realização das oficinas foi com relação à disponibilidade de tempo das escolas. A princípio, o objetivo era realizar essa pesquisa na escola de Ensino Fundamental e Médio José Gonçalves de Queiroz, localizada na cidade de Sumé. O fato de as aulas acontecerem em tempo integral, inviabilizou o tempo das oficinas, uma vez que estas teriam que acontecer em um horário diferente das aulas para não atrapalhar a rotina dos alunos. Analisamos todas as possibilidades, já que os alunos estudavam o dia inteiro, e os únicos horários disponíveis eram a noite e no sábado. Considerando que estes educandos já ficam manhã e tarde na escola, então, provavelmente à noite não iriam mais uma vez, pois estariam cansados e fazendo os trabalhos para o dia posterior. O sábado por sua vez, também foi desconsiderado, pois, no final de semana os alunos não iriam querer ir à escola, a não ser que fosse obrigatório, e um dos requisitos era que os alunos participassem livremente, sem obrigação. Por esse motivo, optamos por ir para a Escola Maria Balbina Pereira, lá, as aulas só acontecem no período da tarde, porém, os alunos que moram na zona rural não têm transporte para se deslocar para a escola em outro horário que não fosse o das aulas. Desse modo, a única saída foi realizar as oficinas no mesmo horário das aulas por isso, tivemos que diminuir o número de dias das oficinas.

Com relação aos filmes trabalhados, percebi que a maior dificuldade foi trabalhar com o filme de longa metragem "A classe operária vai ao paraíso" pois como já mencionei, o filme é um longa e que mesmo que tenha sido editado ainda permaneceu em quarenta minutos, o que tornou um pouco cansativo para os alunos, além disso, tem uma complexidade maior que os outros, pelo fato de ser legendado. Outra dificuldade foi de os alunos terem dificuldade em assimilar as teorias de Karl Marx.

Já o audiovisual *Vista minha pele* de média metragem, obteve um resultado bastante positivo, não só pelo tempo de vinte minutos, mas principalmente porque sua narrativa é abordada dentro da escola e com jovens, ou seja, se torna atraente porque traz um contexto que se aproxima da realidade dos alunos. Os filmes *BMW Vermelho* de quinze minutos e *Vida Maria* de apenas nove minutos, também são histórias de ficção que se aproximam da realidade dos alunos e até mesmo dos seus pais e avós.

Diante disso, foi possível compreender que os filmes de curta metragem obtiveram maior êxito, pelo fato de ser reproduzido em menos tempo, e não deixa o aluno cansado e disperso contribuindo para que o mesmo tenha mais atenção ao assistir. Além do mais,

favorece o tempo da aula, não correndo o risco de deixar a discussão que é muito valiosa, para outro momento.

Isso não quer dizer que, não devemos trabalhar com filmes de longa-metragem. É possível sim, porém, é preciso muita cautela do professor na escolha do filme, pois se for um filme que trabalhe apenas os conceitos e teorias, por exemplo, e não seja atrativo, pode desviar a atenção do aluno e conseqüentemente levá-lo ao desentendimento do assunto. É interessante ainda, utilizar filmes que não tenham legenda porque os alunos podem se preocupar com a leitura e perder alguma cena importante.

Todavia, estou convicta de que levar os estudantes a produzir seu próprio material audiovisual foi uma experiência enriquecedora tanto para mim enquanto docente, mas, principalmente para os alunos que tiveram a oportunidade de aprender com os filmes, que embora ainda tão pouco utilizado na sala de aula de forma correta, contribui de forma significativa para o processo de ensino aprendizagem. No entanto, para que isso ocorra, é extremamente importante que o professor reavalie sua prática didática.

O papel do audiovisual é uma ferramenta didática, que auxilia o trabalho docente de modo que o professor possa repensar, diversificar e melhorar suas práticas pedagógicas, e conseqüentemente, ajudar os alunos a entender o assunto. De acordo com o pensamento de Duarte (2009), a análise de filmes proporciona tanto ao professor como ao aluno adentrar em um novo mundo, construído através da linguagem cinematográfica quando nos propomos a olhar o filme como fonte de conhecimento. É uma atividade que permite ao aluno fazer uma viagem pelos mais variados tipos de conhecimento que se permeiam entre o real e a ficção, proporcionada por essa relação entre cinema e educação. A tela do cinema instala em nós uma nova membrana que nos permite essa comunicação com o outro e com nós mesmos. (FRESQUET, 2017). Nesse sentido, o audiovisual é um instrumento didático capaz de promover na sala de aula discussões enriquecedoras que estimulam a construção de novos saberes.

Partindo da perspectiva pedagógica, está claro que trabalhar com os recursos audiovisuais nas aulas de Sociologia deve ser considerado de suma importância para o processo de ensino aprendizagem pois, possibilita o desenvolvimento do senso crítico do aluno, uma vez que lhe permite aprender competências para compreender, analisar e expor seus próprios argumentos, enquanto sujeito capaz de interferir e modificar o meio social em que está inserido. Porém, para que isso ocorra é necessário que o professor busque inserir de forma responsável e criativa esses recursos em sua prática a fim de motivar debates que possam ser tratados na sala de aula. Questões como: Quais os objetivos de trabalhar com esse

filme na aula de sociologia? Em que aspecto esse filme contribui para a aprendizagem dos alunos sobre os conteúdos? De que forma esse filme pode contribuir para uma reflexão crítica dos discentes? Podem ajudar o docente na escolha do audiovisual e conseqüentemente no planejamento de sua aula.

No decorrer dessa experiência e leitura de algumas obras que me auxiliaram na preparação das oficinas, pude enriquecer a minha prática pedagógica por meio da utilização dos recursos audiovisuais como elementos estratégicos no processo de ensino aprendizagem dos conteúdos de sociologia no Ensino Médio. Contudo, pretendo finalizar essa pesquisa apresentando algumas propostas que possam apoiar os professores na elaboração de metodologias que utilizem o recurso audiovisual na sala de aula. Assim, considero importantes as seguintes sugestões:

Quadro 8 - Sequência didática para o uso do audiovisual em sala de aula.

1	Trabalhar bem os conceitos sociológicos para que, quando os alunos forem relacionar ao filme, consigam enxergar os conceitos sociológicos na cena do filme ao mesmo tempo que relacionam ao seu cotidiano;
2	Outra questão de suma importância, que merece atenção do professor ao trabalhar com filmes, é assistir a obra antes de levá-la para a sala de aula, principalmente se o filme for longo e complexo. É preciso entendê-lo primeiro, para que possamos direcionar o olhar do aluno para reflexão e análise da obra, na tentativa de evitar que o filme se torne cansativo e desinteressante, e pior, sem nenhum entendimento sociológico;
3	É preciso cautela quando for escolher o filme, dê preferência aqueles mais curtos e se possível, que se aproxime da realidade do aluno;
4	Antes da aula os equipamentos do audiovisual devem ser observados para que estejam em bom funcionamento;
5	Antes da exibição, apresentar para os alunos a ficha técnica do filme, para que assim eles possam saber o ano, autor, o período histórico em que ele foi produzido, entre outras informações que são essenciais para o seu entendimento;
6	Dê preferência aos filmes que não são legendados, pois o aluno pode se prender a leitura que para ele se tornará cansativa. Assim como também pode se prender somente as imagens ignorando o texto e conseqüentemente, não compreendendo a história;
7	O professor deve estar preparado para as críticas e argumentos dos educandos sobre o filme. Considere que pode haver muitas críticas, mas caso não haja, é tarefa do mediador direcionar o olhar desses alunos para que a discussão aconteça;
8	É importante que se faça uma avaliação do que o filme provocou no aluno enquanto conhecimento;
9	Deve ser utilizado um roteiro contendo uma listagem de perguntas que possam conduzir o debate e conseqüentemente, a avaliação;
10	Não é uma boa ideia solicitar aos alunos que assistam ao filme em casa.

Se optarmos por não seguir tais orientações, corremos o risco de os alunos assistirem ao filme só por assistir e o que é pior, de termos levado o filme apenas para passar o tempo da aula. Por isso, é importante que o docente tenha um planejamento didático de forma clara,

abordando os objetivos a serem atingidos, bem como, o tema da aula, o conteúdo teórico, a escolha do filme e principalmente, como esse filme será inserido no processo pedagógico de modo a contribuir para o processo de ensino aprendizagem da disciplina.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Vilma Soares Lima. **As percepções dos professores de sociologia no ensino sobre o conteúdo da disciplina.** XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste. 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Edições 70. Lisboa/ Portugal, 1995.
- BAUMAN, Zigmunt.; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BENVENISTE, Émile. **Da subjetividade na linguagem/ em problemas de linguagem em geral.** 2. Ed. Campinas, SP: Unicamp, pontes, 1988.
- BERLE, Simone.; MURILLO, Vilma Márcia. **A linguagem audiovisual como prática escolar.** Signo. 09 jun. 2011.Santa Cruz do Sul, v. 36 n.61, p. 422-439, 2011. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- BODART, Cristiano das Neves. **Prática de Ensino de Sociologia: Às dificuldades dos professores alagoanos.** Londrina, v. 23. p. 455-491, 2017.
- BODART, Cristiano das Neves.; SILVA, Roniel Sampaio. **O perfil do professor brasileiro de Sociologia do Ensino Médio e sua percepção da condição docente.** INTER – LEGERE. rev. Pós. Grad. n. 18. p. 168 – 189. Natal, RN, 2006.
- BONIFÁCIO, Lais Vitória Moreira. **Cinema E Educação: O Uso Das Mídias Nas Aulas De Sociologia.**III Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica 2013. Fortaleza – CE, 2013.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.**São Paulo: Parábola editorial. 2008.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacional para o Ensino Médio: Bases Legais.** Brasília: SEMTEC, 2000.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 93994, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília. DF. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais: OCNs,** 2006.
- Brasil. A Lei 13.006, de 26 de junho de 2014. **Presidência da República casa civil.** Brasília, DF, 26 de junho de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acesso em: 10 dez. 2019.
- BRIDI, Maria Aparecida. **Ensinar e aprender Sociologia no ensino médio.** São Paulo: Contexto, 2010.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino.; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo.** Florianópolis, 2006.

CARMO, Erinaldo Ferreira. **Dossiê: ensino de Sociologia. Avanços e dificuldades na volta do ensino de Sociologia ao currículo escolar.** Polyphonia, v.24/1. 2013.

CARVALHO, Lejeune Mato grosso. **Sociologia e ensino em debate (experiências e discussão de sociologia no ensino médio).** Ebook; São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Sociologia-Ensino-Debate-Lejeune-Mirhan-ebook/dp/B01M60ZZ21?source=ps-sl-shoppingads-lpcontext&psc=> Acesso em: 15 jan 2020

CÉSAR, Maria Rita de Assis.; DUARTE, André. Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.3, p. 823-837, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a12.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019.

COSTA, Cristina. **Educação, Imagens e mídias.** 2.ed.- São Paulo: Cortês, 2013.

DUARTE, Rosalia. **Cinema e Educação.**3ed. -Belo Horizonte: Autentica, 2009.

EDGAR- HUNT, Robert; JOHN, Marland; RAWLE, Steven. **A Linguagem do Cinema.** Porto Alegre: Bookman, 2013.

FERREIRA, Eurico Costa. **O uso dos audiovisuais como recurso didático.** Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: A Lei 13.006; Reflexões, Perspectivas e Propostas.** Belo Horizonte, MG. Universo Produção, 2015.

GALETTI, Camila Carolina.; ALMEIDA, Eduardo Oliveira.; BONIFÁCIO, Laís Vitória Moreira. **Cinema E Educação: O Uso Das Mídias Nas Aulas De Sociologia.** III Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica; Fortaleza - CE, 2013.

GARCIA, Alessandra Simone Martins Munhoz. **Análise da Alfabetização Digital e do Letramento Digital de Alunos do Ensino Médio de uma Escola Privada de Londrina/PR.** 2016.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Fernando Cleber. **Recursos Midiáticos na Escola para uma sala de aula interativa.** II Congresso Ibero-Americano de estilos de aprendizagem, tecnologias e inovações na educação. Brasil, DF, 2013.

GOMES, Maria Elásir.; BARBOSA, Eduardo. A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos. **Revista Educativa**, São Paulo, 1999.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação.** Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LENNERT, Ana Lúcia. **Condições de trabalho do professor de Sociologia**. Cad. Cedes. vol. 31. n. 85. p. 385 – 403. Campinas, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LOCATELLI, Arinalda Silva.; ROSA, Cristiane Oliveira. A linguagem audiovisual em foco: a experiência do cine clubinho UF Toca. **Revista em extensão**. Vol. 12. 2013. Londrina, 2016.

MACHADO, Eliany Salvatierra. A produção audiovisual na Educação Básica: implicações e atravessamentos. **REU – Revista de Estudos Universitários**. Sorocaba, 2018.

MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/tedh/tedhtxt2b.htm2>. Acesso em: 25 nov. 2019.

MOROMIZATO, Maíra Sandes. O uso de Internet e redes sociais e a relação com indícios de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Rev. Bras. Educ. med.** v. 41. Rio de Janeiro, 2017.

MOTHES, Jussara.; BRUCH, Onice Gonçalves Bueno. **Salas de apoio e aprendizagem e salas de recursos**. Governo do Paraná / PDE, Ponta Grossa: paper&art, 2018.

OLIVEIRA, Amurabi. A formação inicial de professores de Sociologia no Nordeste: alguns breves apontamentos. **rev. Eletrônica Pesquiseduc.** v. 06. n.12. p. 285 – 299, Santos, 2014.

OLIVEIRA, Lia Raquel Moreira. **Alfabetização informacional**. Na sociedade da informação. 1997. 2016 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga 1997. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11/1/LIVRO%20Mestrado.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

PEREIRA, Rúbia Carla.; PAIVA, Maria Auxiliadora Vilela.; FREITAS, Rony Cláudio de Oliveira. A transposição didática na perspectiva do saber e da formação do professor de matemática. **Revista Educação Matemática Pesquisa**. São Paulo, v. 20, p. 41-60, 2018.

PÉREZ, Amor Maria.; DELGADO, Águeda. Da competência digital e audiovisual à competência midiática: Dimensões e indicadores. **Lumina: Revista do programa de pós-graduação em comunicação**, Juiz de Fora. v. 11, p.21. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21416>. Acesso em: 05 maio. 2019.

POLIDORO, Lurdes de Fátima.; STIGAR, Robson. A Transposição Didática: a passagem do saber científico para o saber escolar. **Revista Ciber Teologia**, Ano VI, n. 27, São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Ensino_religioso/transposicao_didatica.pdf. Acesso em: 01 jan. 2020.

QUINSANI, Rafael Hansen. História e cinema: dimensões históricas do audiovisual. São Paulo. **Revista Famecos**. Porto Alegre. v. 18, p. 985-993, 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/10393/7294> Acesso em: 02 maio. 2019.

RACHETTI, Luiz Gustavo Ferri; SANTANA, Gilmar. **Sociologia e cinema: O uso do audiovisual na aprendizagem de Sociologia no Ensino Médio**. Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v. 17, 2016.

RAMALHO, José Rodorval. **Sociologia para o Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RAMALHO, José Rodorval; SOUSA, Rozenval de Almeida. **Sociologia para o Ensino Médio: conteúdos e metodologias**. Campina Grande: UFCG, 2012.

RESENDE, Rafael Abner Oliveira. A Cultura Do Uso Do Cinema Na Sala De Aula/ Uma Ferramenta Para Construção Do Conhecimento. **Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/2012**. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(29\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(29).pdf). Acesso em: 14 abr. 2019.

SANTOS, Adriana Soares Lourenço. O uso do vídeo na escola de tempo integral. **Blog Monografias Brasil Escola**, p. 08, s/a. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-uso-video-na-escola-tempo-integral.htm>. Acesso em: 20 out. 2019.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e Educação**. São Paulo: Cortêz, 2007.

SOUSA, Luís de Cícero. O encontro entre cinema e educação: olhares sobre um trabalho pedagógico na escola; UFRJ; **Imagens da Educação**, v. 5, n. 2, p. 45-56, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/27082>. Acesso em: 12 jul. 2019

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.